



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
FACULDADE DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTES**

Comunicação sem palavras

Carla Sofia Cerqueira Magalhães

**Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo**

Orientação:

Professor Doutor André Barata

Covilhã, Setembro 2010

**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
FACULDADE DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTES**

Comunicação sem Palavras

Carla Sofia Cerqueira Magalhães

**Dissertação para a obtenção do Grau de
Mestre em Jornalismo**

Orientação:

Professor Doutor André Barata

Covilhã, Setembro 2010

O silêncio só é mudo para aqueles que procuram as palavras certas.

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram nos bons e maus momentos e, principalmente, por compreenderem o silêncio que muitas vezes dei como resposta.

Obrigada por acreditarem que era possível atravessar a tempestade e conseguir ver a bonança.

Resumo

Para lá da generalidade da pergunta «Tudo é comunicação?», que sentido pode fazer perguntarmo-nos «O que comunica no ser humano?», ou mesmo questionarmo-nos sobre a hipótese «E se tudo no ser humano comunica?». Eis a problemática inerente à investigação que aqui se tenta levar a cabo. Obviamente, em tudo existe a possibilidade, por mais diminuta que seja, de haver um momento comunicativo. Mais do que fundamentar essa possibilidade, é propósito deste estudo salientar que a comunicação humana desenvolve por si mesma um “sistema” comunicativo que faz do corpo, do rosto e de todas as expressões envolventes veículos de transmissão expressiva de informação, e também fonte de conhecimento para receptores em interacção com o interlocutor.

Palavras-chave: Comunicação não verbal, silêncio, paralinguagem, cinética e proxémica.

Abstract

Beyond the general question «Is everything communication?» , what sense could it be if we ask ourselves " What communicates in human being? ", or even question ourselves about the hypothesis " What if everything in the human being communicate? ". Here is the problem inherent to the research that we're trying to accomplish. Obviously, however small it may be, there is a possibility of a communicative moment in everything. Rather than support this possibility, it is purpose of this study point out that human communication itself develops a communicative "system" that makes the body, face and all surrounding expressions vehicles of expressive transmission of information and also a source of knowledge for the receptor interacting with the caller.

Keywords: Nonverbal communication, silence, paralanguage, kinetics and proxemics.

Introdução

A comunicação faz parte do Homem, aliás a comunicação *faz* o Homem. E faz parte tanto do nosso quotidiano prático como dos nossos investimentos identitários mais densos, razões para que, justificadamente, se reconheça na *Comunicação Humana* um dos temas mais complexos e desafiantes no âmbito das Ciências Sociais e Humanas.

A primeira questão a ser lançada, neste momento, parte da constatação de que existem múltiplas abordagens à temática da Comunicação Humana. Todavia, pese embora essa pluralidade de tematizações, estará suficientemente evidenciado o real significado da comunicação humana nos seus aspectos mais quotidianos do nosso dia-a-dia?

Segundo uma noção sintética do que é a comunicação, esta consiste no “processo mediante o qual determinadas informações ou significados são transferidos de um ou mais indivíduos, os emissores, para outros indivíduos, os receptores.” (FERIN, 2002: 21-22) Desta forma, considera-se que este sistema comunicativo permite uma “interacção simbólica, na qual a possibilidade de transferir mensagens ocorre na base de signos, segundo regras cultural e socialmente partilhadas.” (FERIN, 2002: 21-22)

O próprio sentido de comunicar envolve a ideia de partilha e transmissão da informação pretendida para um ou mais intervenientes. No entanto, há que ter em atenção que a informação pode ser *falada* (comunicação verbal) e/ou transmitida através de outras formas, tais como a utilização de gestos, ou até mesmo através da nossa expressão corporal ou olhar (comunicação não verbal).

O intuito deste estudo consiste na observação atenta da verbalidade em concílio com a não verbalidade, permitindo uma optimização na própria Comunicação Humana. No entanto, atente-se que a comunicação não verbal permite ao indivíduo para além da possibilidade de comunicar através da fala, ajudá-lo a conhecer o seu receptor, bem como “enviar” informações de forma intencional ou não. Knapp¹ defende que a relevância do papel da comunicação não verbal está no “sistema total de comunicação, a tremenda quantidade de sinais informativos que proporciona em toda a situação particular, e a que se utiliza nas áreas fundamentais da vida quotidiana” (KNAPP; 1982: 42), ou seja, no decorrer de uma conversa existem imensas formas de interagir para com

¹ O Dr. Mark L. Knapp (Ph.D., Pennsylvania State University, 1966), Jesse H. Jones Centennial Professor Emérito da Comunicação e da UT Ensino Distinguished Professor Emérito, é conhecido internacionalmente por seu trabalho na comunicação não-verbal.

o outro desde a própria vocalização, gestos, movimentos corporais e o próprio contacto visual, bem como as expressões faciais.

Embora em determinadas situações existam sobreposições, no sentido em que a comunicação não verbal, em alguns momentos, se sobrepõe à verbal, bem como o inverso, continua a existir uma transmissão expressiva de informação. Os canais podem subsistir na conversação em vigor, por exemplo, numa conversa telefónica é natural que o canal verbal esteja mais presente, apesar do canal não verbal também estar presente na paralinguagem², na medida em que este conceito persiste na forma como algo é dito. Observemos a velocidade do discurso, o volume, o ritmo inclusive o uso de expressões como “*ahhh*” ou “*hummm*” ou até mesmo o tom da voz e o próprio silêncio. Atente-se que, seguindo esta linha de pensamento, num espectáculo de dança ou até mesmo num espectáculo de mímica, por exemplo, resulta verificável que a comunicação predominante seja a de carácter não verbal.

A improbabilidade de não comunicar sustenta-se nas mais variadas teorias comunicacionais. Notemos que a palavra ‘verbal’ provém do latim *verbu*, significando palavra, porém a comunicação, como já vimos, não é feita somente de palavras, mas sim através das mais variadas formas, incluindo o próprio silêncio. O corpo humano e toda a vivência social abrem as portas comunicativas para o mundo das palavras e das formas não verbais de expressão, bem como o próprio ser humano utiliza o meio social como fonte de conhecimento.

Ambas as formas verbais e não verbais se complementam. Notemos o seguinte exemplo: um colega convida-o para um almoço social em casa dele, porém nunca tinha ido a casa dele e as indicações são fornecidas através do telemóvel, ou seja, «vais sempre em frente passas pela casa com a caixa do correio azul e ao virares à direita podes ver uma pequena igreja de pedra com um roseiral e se olhares em frente verás uma casa branca com telhas.» A casa foi encontrada, resta saber se foi através da comunicação verbal ou não verbal. As indicações que foram dadas pelo telemóvel continham uma imagem visual de fácil apreensão. Se levássemos um mapa também teríamos o aspecto visual, o que sinaliza uma vez mais a aliança inquebrável entre comunicação verbal e não verbal.

O importante na Comunicação Humana não é saber os conceitos básicos da comunicação, mas sim a forma como os interpretamos e usamos.

² A paralinguagem trata as modalidades da voz: a tonalidade, o ritmo e a intensidade, ou seja, diz respeito à transmissão de informação emocional através das emissões vocais.

Capítulo II: Linguagem não verbal

No processo comunicacional toda a mensagem tem um significado, seja verbal ou não verbal. Logo, apreende-se por completo que numa conversa o valor de comunicação verbal torna-se inferior ao da comunicação não verbal, até porque a comunicação não verbal além de passar a mensagem também transmite o seu verdadeiro significado.

Suponhamos que quando falamos com alguém estamos a comunicar, contudo e se optássemos pelo silêncio? O facto de ficar a olhar, ou chorar ou até mesmo sorrir é comunicação? Só há comunicação se o receptor estiver à frente? É através destas questões para reflexão que se transmite a ideia da impossibilidade de não comunicar.

O silêncio, os gestos, as emoções, as próprias palavras são signos de uma forma de comunicação que é praticada por todos. No entanto há que ter em conta que comunicar é transmitir uma mensagem, na medida em que a base da comunicação é, certamente, a interacção entre dois indivíduos, todavia não se pode nunca reduzir a comunicação a uma interacção simplesmente transmissiva, bem como ao simples facto de ter que existir dois indivíduos em interacção directa.

A problemática inerente a este estudo é observar situações onde seja evidente que é impossível não comunicar, em que investigamos o modo de estar do ser humano quer esteja estático ou em movimento, e como consegue comportar informações comunicativas em ambas as situações. Pretendemos ainda avaliar a forma como se transmite uma informação, incluindo a comunicação não verbal e sobretudo entender a comunicação em si através da própria comunicação.

Hoje em dia podemos estudar a comunicação através dos inúmeros enunciados construídos sobre a mesma. A noção revelada pela Escola de Palo Alto³, ao introduzir a nova comunicação indica que esta é o elemento vital de integração social e de sustentação da sociedade em si. Uma sociedade sem comunicação é algo unimaginável, visto que todos os indivíduos que a formam são receptores e emissores num determinado contexto natural. Neste momento a pergunta que se impõe é saber como estudar algo tão enigmático como a comunicação, por isso mesmo, esta célebre escola e, muito em particular, o teórico Paul Watzlawick foram os propulsores na caminhada em

³ A Escola de Palo Alto incide na comunicação humana e o seu contexto, visto que todo o comportamento tem valor de mensagem.

direcção à pragmática da comunicação humana. Assim, foi possível abrir caminho para a *meta-comunicação*⁴, na medida em que para falarmos de comunicação era necessário recorrer aos próprios instrumentos do objecto em estudo. Para melhor compreendermos o que faz a meta-comunicação propomos como analogia a observação de um mapa, pois este representa a realidade do mundo, todavia para falarmos de palavras temos que utilizar, necessariamente, as próprias palavras.

A criação de uma série de regras meta-linguísticas que versatilizassem a comunicação humana, criando uma referência denotativa entre os signos para com aquilo a que se referem, bem como a postulação de cinco axiomas⁵, permitiu a possibilidade de um estudo sobre a comunicação e, principalmente, delinear as principais características do momento comunicativo. Para os nossos intuítos, importa dar prioridade ao primeiro axioma, que consiste na impossibilidade de não comunicar, isto é, na impossibilidade da não comunicação, caracterizando-se pelo comportamento, ou seja, a não existência de um “não comportamento”. A forma como se desenrola uma conversa entre dois indivíduos torna-se clara quando é observada a troca de sinais “não verbais” durante o diálogo. Na maior parte dos casos, existe uma dificuldade por parte dos indivíduos em manter um diálogo estritamente oral sem reacções, isto porque todo o corpo humano comunica, tal como é referido por Ferin:

Na comunicação interpessoal são fundamentais os mecanismos não verbais e verbais, determinados pelos contextos culturais e de socialização, vividos pelos indivíduos desde o momento do seu nascimento. Identificam-se como mecanismos de comunicação não verbal, os gestos, as expressões faciais, as posturas do corpo e distâncias entre as pessoas, questões a que se têm dedicado a Cinética, a Proxémica (...). (FERIN; 2002: 26)

Ao observar-se cada indivíduo ao longo de uma conversa, considera-se quer o interesse do emissor na transmissão da informação, quer a preocupação da parte do receptor em colher a informação transmitida. Neste processo, o receptor questiona-se acerca do que o emissor *quer dizer*, e avalia cada gesto de maneira a que possa interpretar as *intenções* do emissor, o qual por seu turno também avalia, atentamente, as reacções expressivas, muitas vezes de carácter emocional, do receptor, num ciclo

⁴ Meta-comunicação trata a informação sobre a informação e define a relação entre os interlocutores.

⁵ Os cinco axiomas aludidos são: É impossível não comunicar; Toda a comunicação tem dois níveis: conteúdo e relação; Pontuação das sequências dos factos; Existência de dois tipos de comunicação: analógicas e digitais e todas as permutas comunicacionais são simétricas ou complementares.

comunicacional que tende a integrar toda a presença corporal, facial e gestual de ambos os interlocutores. Pode-se dizer que variadíssimas vezes o receptor é comparado a uma vela completamente “dominada”, como se a cera mole fosse impregnar-se de todas as informações emitidas.

A observação e escuta atenta do receptor pelo emissor são aspectos fundamentais na relação emissor/receptor, visto que serão estes os passos que revelarão o possível êxito ou fracasso do processo comunicacional. Isabel Ferin, inspirando-se num pensamento de Barthes, comenta:

(...) seja qual for a sua substância e quaisquer que sejam os seus limites: as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objectos” é este mesmo “desenvolvimento das comunicações de massa (que) confere hoje uma grande actualidade a este campo imenso da significação.
(FERIN; 2002: 26)

A situação pode ser verificada no texto “Comunicação - Comportamento Não Verbal” de Amado e Guittet, para o qual se revela necessário ter em atenção que todo o sistema comunicativo comporta um sistema de defesa, e ainda atentar ao facto de estar inserido na temática de comunicação humana interligado ao ser humano em si.

“Como a comunicação não se reduz a um processo de influência onde se opera a prática de mecanismos de defesa. A observação e a escuta do outro tornam-se então primordiais. Escutar o outro é aceitar sua expressão, compreender suas motivações, seu sistema de referência e entender o que possa estar de acordo com esse sistema de referência na mensagem a ser emitida (...).”
(GUITTET; GILLES; 2008: 11)

Ou seja, o processo comunicacional não tem que se resumir a um comportamento verbal, visto que existe a presença de um olhar, de um gesto, de um ritmo, a fluência, a intensidade da voz num determinado controle emotivo. O mundo humano, inerente a cada indivíduo na sua forma de ser, adquire um estado de vida essencialmente semiótico.

A semiótica é a ciência de interpretar os signos e tudo à nossa volta são signos, logo:

“ (...) o uso dos signos é um permanente trabalho de interpretação. Um signo reenvia sempre para um outro signo seu interpretante. Teoricamente, falamos em semiose ilimitada. Não há signos primeiros nem últimos, eles encadeiam-se, impelindo o sujeito a uma busca incessante de um signo por outro e fazendo da comunicação uma insubstituível atenção ao outro.”
(FERIN; 2002: 26)

O que explica que, desta forma é fácil perceber o ponto base do primeiro axioma de Watzlawick quando é dito que, mesmo quando comunicamos o desejo de não comunicar, estamos evidentemente a comunicar.

O predomínio do silêncio como forma de comunicação, embora seja uma ideia algo abstracta, é vital no entendimento de que o predomínio da linguagem verbal envolve no seu comportamento expressivo um elemento não verbal. Os gestos produzidos pelo nosso corpo, não invalidam o sentido informativo da própria interacção.

O ponto base desta situação é perceptível nas estratégias de comunicação dos animais, note-se o modelo comunicacional das abelhas, que é um dos sistemas mais complexos de comunicação entre animais, observe-se, na medida em que o simples alerta para com um agrupamento de flores é uma interacção denotada por um comportamento de dança pactuado com a emissão de sons. O próprio ataque às colmeias é, inclusive, composto por uma cessação do zumbido da abelha em si através de curtas emissões do som da abelha, cuja intensidade diminui à medida que a própria perturbação abranda.

Constatemos o mundo dos animais, alguns sem o sentido vocal, pode-se presenciar a experiência comunicativa na comunicação não-verbal, em que até a própria ausência de sinais pode ser uma informação, como por exemplo a “resposta de rendição” dos cães, que é o sinónimo da inibição completa do comportamento agressivo.

O cerne da questão assume-se nas palavras de Watzlawick, aquando este refere que a ilusão mais perigosa de todas subsiste na existência de uma só realidade. Contudo, o que existe de facto são várias perspectivas da mesma realidade, estando presente, em todas, o resultado da própria comunicação. (Cf. LUHMANN, 1992)

Segundo Charles Darwin, existem três princípios relevantes que explicam a maior parte das expressões e dos gestos involuntários do ser humano e dos animais⁶, todavia neste momento só iremos expor os de origem humana devido ao objectivo da temática em estudo. O primeiro princípio remete para os hábitos úteis associados, em que:

⁶ O primeiro princípio é a forma como certos movimentos retratam certos estados de espírito; o segundo princípio é a antítese a forma como o corpo transmite uma emoção enquanto o cérebro tenta transmitir outra e, por fim, o terceiro princípio que consiste nas acções do sistema nervoso, independentes da vontade, bem como do hábito.

“(…) certas acções complexas possuem uma utilidade directa ou indirecta sob efeito de certos estados de espírito, servindo para avaliar ou satisfazer certas sensações, desejos, etc.”
(DARWIN; 2006: 34)

O rosto humano involuntariamente, procede a contracção dos músculos como forma de expressão, embora o ser humano, muitas vezes, os tente contrair sendo diferente cada expressão visualizada perante a mesma situação. Os movimentos que denominamos de expressivos retratam certos estados de espírito, que por hábito dão lugar à reprodução de uma mensagem subliminar retratada no rosto humano. O segundo princípio é a antítese, isto porque o autor defende que:

“(…) quando se induz um estado de espírito directamente oposto, verifica-se uma forte e involuntária tendência para executar movimentos de natureza directamente oposta, apesar de estes não possuírem qualquer utilidade; e tais movimentos são em alguns casos altamente expressivos.”
(DARWIN; 2006: 34)

Imaginemos a seguinte situação: a visualização de um filme dramático, no sentido mais trivial da palavra, cuja história narra uma menina que adoece e está entre a vida e a morte. A actriz narra uma história tocante onde o público percebe a intensidade com que esta vive a vida. O fim do filme relata a sua morte e, embora o público não tenha vivido esta situação em concreto, sente-se comovido perante a história, sendo observável através do franzir do sobrolho e até mesmo o lacrimejar, bem como a visualização de lábios firmes e prensados quase como uma esponja. Note-se que, embora o público pudesse estar aparentemente apático à história, por saber que é meramente ficcional, o filme dramático, devido às sensações que induz, proporciona ao público a experiência de uma tristeza que se revela nas expressões faciais fortemente marcadas por um momento de “contradição”.

O terceiro princípio trata “as acções devidas ao sistema nervoso, totalmente independentes da vontade e, até certo ponto, independentes do hábito.” (DARWIN; 2006: 34) Observe-se que, embora, a comunicação não verbal já esteja mais vincada no nosso dia-a-dia, ainda persiste a noção da inutilidade de certos gestos ou expressões deveras comunicativos, os quais se não forem apresentados a um receptor atento não terão a mesma utilidade, isto porque através da comunicação não verbal, é visível a veracidade da informação transmitida, pois é necessário compreender que em

determinadas situações um diálogo comporta uma panóplia de informações difíceis de avaliar. Darwin conclui assim:

“ (...) Certos estados de espírito conduzem a certos movimentos determinados pelo hábito, que foram úteis originariamente, e que podem ainda sê-lo (e complementa a complexidade da comunicação referindo que) quando se induz um estado de espírito exactamente oposto, há uma forte tendência involuntária para a execução de movimentos de natureza oposta, apesar de estes nunca terem tido a mínima utilidade.”
(DARWIN; 2006: 53)

Capítulo III: O silêncio comunicacional

A improbabilidade da Comunicação surge com o teórico Niklas Luhmann⁷ e trata a problemática de como é possível transformar o improvável em provável no campo da comunicação. Será possível associarmos o silêncio a uma forma de comunicação?

No âmbito desta problemática aborda-se a comunicação não como um fenómeno, mas como um problema ou uma improbabilidade, desta forma a comunicação como problema esclarece-se:

“Uma teoria da comunicação como a que aqui se pretende esboçar implica, antes de mais, que a comunicação é improvável. É-o, apesar de diariamente a experimentarmos e a praticarmos e de não podermos viver sem ela.”
(LUHMANN;1980: 67)

Tito Cardoso e Cunha⁸ teorizou sobre esta problemática, *O silêncio na Comunicação*, a relevância desta temática mostra que o ser humano descobre o que, realmente, quer dizer ao verbaliza-lo. No entanto o acto da fala é tão natural quanto o simples movimento facial e corporal e entender, bem como apreender o que alguém quer dizer é uma acção consciente.

“O silêncio não é a ausência de sentido. Há silêncios que falam e há até silêncios que são eloquentes, isto é que dizem mais ou melhor do que palavras. O silêncio, em todo o caso – e particularmente aquele que é dito ser eloquente – é um meio de comunicação se pensarmos, com Bateson e a escola Palo Alto, não ser possível deixar de comunicar.”
(CUNHA, www.bocc.ubi.pt: 5).

Na Comunicação Humana, os seres humanos comunicam *digital* e *analógicamente*⁹. A comunicação analógica implica a existência de um símbolo ou de uma referência que tenham a ver com a realidade que se pretende delimitar, enquanto a comunicação digital transporta no signo, linguístico ou não, uma relação de transformação para com a realidade que pretende representar. Logo, para além da comunicação analógica deter uma perspectiva mais arcaica devido à sua evolução, a

⁷ Importante sociólogo alemão que estudou a sociedade no âmbito comunicacional.

⁸ Docente que teorizou acerca da temática em estudo neste trabalho: o silêncio.

⁹ O quarto axioma referido no estudo da Escola de Palo Alto: Pragmática da comunicação Humana.

comunicação digital é mais recente e abstracta, por conseguinte a comunicação analógica detém uma relação directa e intrínseca para com a realidade.

No âmbito da Comunicação Humana toda a comunicação não verbal é analógica, isto porque reúne movimentos corporais, inflexões da voz, ritmo e entoação das palavras e, até mesmo a própria gestualidade inserida na interacção comunicativa. Atente-se que a comunicação digital tem um papel relevante na troca de informação visando a própria transmissão informativa, no entanto a comunicação analógica torna-se primordial no momento em que indica intenções e indícios emocionais resultando numa forma eficaz na transmissão verdadeira e concreta da informação que vai ser passada.

“ A palavra tinha o peso e a densidade de um rosto identitário: faltar à palavra dada era como perder a face, isto é aquilo que nos identifica e sem o que nos desconhecemos e somos desconhecidos.”

(CUNHA, www.bocc.ubi.pt: 3)

Será que a palavra, somente a palavra, detém a mesma relevância sem a comunicação analógica inerente à Comunicação Humana? Terá, realmente, o acto da fala a mesma consideração sem a observação atenta das expressões do rosto e corporais do ser humano?

Flora Davis¹⁰, problematizou esta questão referindo que a dificuldade reside no obstáculo que existe em confiar na certeza indubitável de que o que é dito é efectivamente verdadeiro. Será possível confiar somente na própria palavra?

Como a escritora refere, as expressões de riso, choro, raiva, medo e tristeza estão presentes desde o momento de nascença, constatando este exemplo através das crianças cegas desde o nascimento, isto porque adoptaram estas expressões sem ser através da imitação.

Paul Ekman¹¹ iniciou importantes estudos acerca desta temática, de forma a provocar uma marcante evolução dentro deste tema. As expressões e o próprio silêncio são relevantes na informação transmitida dentro da Comunicação Humana, facto que revemos nas palavras de Tito Cardoso e Cunha quando refere que “o silêncio é aparentemente o contrário da comunicação. Sabemos que não o é inteiramente, nomeadamente por haver silêncios que exprimem sentido”, esta situação não implica que toda a comunicação não verbal seja fiável na sua totalidade, na medida em que,

¹⁰ Escritora do livro “A comunicação não verbal”, relevante em qualquer estudo acerca da comunicação não verbal.

¹¹ Importante psicólogo na área de comunicação não verbal.

como refere Cardoso e Cunha, “há olhares que são cegos sem a palavra”. Repare que, muitas vezes, coexistem duas emoções no momento transmissivo da informação e, claramente, nem todos os interlocutores carregam o mesmo olhar atento sobre a mesma interação, inclusive há que ter em atenção as vivências culturais, embora a teoria de Flora Davis, seja a de que o Homem é um ser multissensorial e que existem “regras demonstrativas” em cada cultura que se interpõem neste processo comunicativo.

“Em toda cultura, há aquilo que ele (Ekman) chama de “regras demonstrativas”, que definem quais as expressões adequadas a qualquer situação. Essas regras podem determinar que uma expressão seja moderada, exagerada, disfarçada ou suprimida inteiramente. E cada cultura, além de suas regras, dispõe também de certos estilos faciais próprios. Os italianos, por exemplo, cuja gestualidade facial é extremamente mutável e altamente expressiva, podem achar difícil sondar os ingleses, por causa de seus rostos imperturbáveis.”
(DAVIS, 1998: 61).

O silêncio é o mais abstracto e mais problemático exemplo da comunicação não verbal, na medida em que existem as mais diversas explicações. P. Hensher¹² refere uma das explicações mais engraçada e genuína do silêncio, quando refere “*Whereoff we cannot speak, thereof we will go on guessing*” (acerca daquilo de que se não pode falar, continuar-se-á a adivinhar), expressão caricata, na medida em que transporta o silêncio para um “mundo de defesa” na Comunicação Humana, visto que quando não se sabe algo, mais vale ficar calado.

A Escola Palo Alto refere que é impossível não comunicar, logo o silêncio é uma das mais ricas e completas formas de comunicar, até porque revela um modo de comportamento, invariavelmente difícil de descodificar devido à sua amplitude. Todavia, há que ter em atenção que a comunicação não tem que ser bem sucedida, intencional ou efectuada conscientemente.

A impossibilidade de não comunicar subsiste não do equilíbrio entre mensagem enviada e mensagem recebida sem qualquer entropia¹³, mas sim pelo simples facto que a transmissão da informação através do silêncio pode ser efectuada, mesmo que não seja bem sucedida, até porque para tal é necessária uma avaliação subjectiva dos interlocutores.

¹² Hensher, P., do Guardian Weekley, é um crítico apresentado no texto de Tito Cardoso e Cunha.

¹³ Entropia é classificada como ruído no acto transmissivo de uma informação.

Atente-se à conexão entre a linguagem, o silêncio e a própria significação, na medida em que não é possível ver o silêncio, a única hipótese é observá-lo na sua essência através de pequenas “fissuras” que se expõe ao longo de um discurso. O silêncio é a significação e a linguagem é a passagem das palavras ao silêncio num discurso, bem como do próprio silêncio à linguagem. Neste momento não se trata de uma exibição tipificada do silêncio, nem muito menos abordar a própria concepção do silêncio, enfim, o silêncio é o silêncio na forma de “ausência de som” tornando-se numa forma semiótica exemplar dentro do meio discursivo.

O emprego do silêncio na sociedade parece ser algo desnecessário, no entanto se observarmos o que é o silêncio iremos antever o que este envolve e fornece ao discurso e ao processo comunicativo. Embora a aplicação do silêncio difira de cultura para cultura em termos de significação, esta forma comunicacional é essencial, isto porque um discurso bem reflectido com pausas calculadas e em tom moderado pode utilizar o silêncio como forma de argumentação e sinónimo de sabedoria.

Repare nas seguintes expressões: «guardar silêncio», «impor o silêncio», «quebrar o silêncio», «silenciar alguém», «momento de silêncio», «silêncio ensurdecedor», todas estas expressões ganham contorno posicionando-se em torno do silêncio. Todavia, cada uma delas expõe significados diferentes. A própria visão de que a aplicação e o significado do silêncio é variado indica a relevância do próprio na comunicação e no discurso comunicativo.

O silêncio é uma forma de expressão e a sua comunicação é rica, na medida em que se revela num diálogo, numa regra imposta, mas também na música, na literatura e até mesmo na pintura. O silêncio fala e adquire um significado próprio numa situação em particular, o que revela que o silêncio é linguagem, este apresenta-se como se fosse o limite da própria palavra, ou seja, torna-se num momento de significação e compreensão e, essencialmente de linguagem, entre os interlocutores, isto porque mesmo havendo silêncio outros sons permitem um eco e transportam significação.

À manifestação do silêncio subjazem os mais diversos sentidos. Contudo, se o silêncio se fizer acompanhar por expressões corporais, é então fomentada uma interacção muito mais próxima entre os interlocutores e uma interpretação mais óbvia sob um olhar atento. Também não devemos esquecer que o silêncio pode *querer dizer* reprovação, indiferenças ou mesmo antipatia, detendo um significado negativo na relação dos interlocutores, e desta maneira é também conferido ao silêncio um valor semântico comparável ao da palavra, conservando o mesmo valor de mensagem e de

significação da palavra. Assim, o silêncio não é a “ausência de som” *ipsis verbis*, mas sim a possibilidade do sujeito comunicativo estabelecer um diálogo rico e brilhante a nível de significação.

John Cage¹⁴, músico e compositor contemporâneo, revelou ao mundo como o silêncio é som. O maestro apresentou um espectáculo musical onde muitos assistiram a uma peça silenciosa e, ao longo da demonstração, é perceptível que esta peça não omite nada. Embora o maestro faça pouco barulho e no palco nenhum instrumento faça ressoar o som como é habitual, o único som que se tenta exhibir é o silêncio. Ao longo da peça existem momentos decorrentes dum espectáculo musical onde se vira a página e, até mesmo o abrir e fechar da cauda do piano, porém Cage consegue retirar a atenção centrada no palco para o público que tenta entender o mundo infinito do som através do silêncio.

A peça 4'33'' expõe a passagem do mundano ou do “normal” para o profundo, íntimo e para uma experiência sensorial, na medida em que a percepção auditiva atinge o seu zénite e os sons que se ouvem são os assentos, a respiração, o ar condicionado, a tosse de alguém no público, as portas e, todos os sons intimamente esquecidos, que passam a controlar uma plateia inteira rendida a esta experiência.

Segundo John Cage, esta experiência permite entender que o som é efectivamente o som, assim como o silêncio nunca é somente silêncio, tornando-se som. Por esta mesma razão, o compositor explica que a peça 4'33'' é a real prova de que os sons sempre existirão em qualquer situação, dependendo do seu valor de significação como já havia sido referido. Aliás, algo interessante que se pode antever em toda a experiência comunicativa é que o Homem ao tentar verificar a existência do silêncio constata que este não existe, na medida em que o próprio Homem interfere no espaço comunicacional, isto porque o Homem provoca o ruído, ou seja, o Homem é ruído. Logo, é passível de concluir-se que o Homem está sempre a comunicar, mesmo não havendo a intenção de o fazer.

¹⁴ Um exemplo perfeito na área da música é a peça de John Cage 4'33'' considerada uma peça silenciosa.

III.I A linguagem não verbal no acto verbal

“Somos seres eminentemente orais” (MARCUSCHI, 2005: 25). Contudo, é necessário observar a comunicação como um elemento vital da sociedade e se não houvesse comunicação nada do que vemos à nossa volta poderia existir, visto que todo o ser humano detém a capacidade de ser emissor e receptor num determinado contexto natural. A sociedade está inter-relacionada através da comunicação, isto porque existe uma permanente troca de informação, seja verbal ou não verbal.

A comunicação não verbal é suportada por três alicerces: o corpo, o movimento e as expressões gestuais. Estes dispositivos de comunicação não verbal traduzem um “sistema” de interacção comunicativa de grande relevância devido à descodificação dos mais variados signos. Note-se que um signo é “algo que está por algo para alguém”, isto é, algo que transporta uma potencialidade de significação inerente que, com a presença (imediata ou diferida) desse “alguém” para quem o signo é signo, lhe impõe a impossibilidade de não comunicar como condição da sua própria comparência no espaço semiótico. A actividade ou inactividade, o silêncio ou os gestos têm um valor de mensagem, porque a comparência do “alguém” semiótico não está constringida a nenhum segmento particular da sua presença. Em face disto, a afirmação de que é possível comunicar das mais diversas formas resulta como corolário trivial da assunção de que, assumida a presencialidade irrestrita e total do “alguém” comunicativo, não é possível não comunicar.

A imagem comunica, informa e evolui em forma de texto, por isso é, muitas vezes, utilizada como forma de sustentação de discursos produzidos com textos verbais.

A própria imagem no cinema é explorada como uma forma de linguagem e não como um simples cenário cinematográfico, visto que “o movimento do corpo também se parece com a linguagem em algumas coisas e pode, talvez, ser analisado através de um sistema semelhante àquele que os linguistas usam para analisar o discurso.” (DAVIS; 1998: 39)

Anteriormente, uma das formas de análise da comunicação não verbal era o cinema mudo em que havia uma naturalidade das imagens, tendo como complemento as legendas redigidas em discurso indirecto. A passagem do cinema mudo para o cinema

“falado” transformou a passagem do discurso indirecto para directo, na medida em que as legendas deixam de ser o complemento da imagem e passa a ser o som.

A autora do texto *Comunicação não-verbal* utiliza uma das descobertas de Birdwhistell que demonstra em pleno a necessidade da comunicação não-verbal:

“Anos atrás comecei a me perguntar: Como o corpo encarna as palavras? Hoje em dia em vez disso, eu me pergunto: quando convém usar as palavras? Elas são adequadas quando se ensina ou quando se fala ao telefone, mas agora você e eu estamos nos comunicando em vários níveis e só em um ou outro desses níveis a palavra adquire alguma relevância.” (DAVIS; 1998:43)

Desta forma, pode-se constatar o quão importante é a *não verbalidade* numa interacção entre dois indivíduos, no entanto é necessário ter em conta que uma imagem não produz o visível, visto que ela só se torna visível através do trabalho de interpretação, tendo em conta que em cada olhar existe uma leitura diferente da imagem.

Não se pretende, de forma alguma, subestimar o valor da comunicação verbal, simplesmente observar detalhadamente a forma como fazemos comunicação não verbal numa interacção presente. Até mesmo nos filmes, tal o sentimento/reacção que a imagem em movimento nos pode provocar.

Ora, vejamos, o exemplo do realizador David Cronenberg no filme *Uma história de violência*, que conta a história violenta no seio de uma família de quatro membros: Tom Stall, o pai, interpretado por Viggo Mortensen; Eddie, mulher e mãe de dois filhos, interpretada por Maria Bello. Muito resumidamente, Tom Stall é um homem com um passado muito violento e cujo nome era Joey, contudo muda para uma cidade e casa com Eddie vestindo a pele de Tom e esquecendo o seu passado obscuro. Todavia, o passado encontra-o e ele volta a tomar conhecimento com o mundo violento no qual havia vivido. O que é interessante neste filme é a forma soberba como David Cronenberg utilizou a comunicação não verbal, principalmente, na cena final que se mostra repleta de simbolismo.

Cronenberg mostra o encerrar do Joey através de uma imagem de Viggo Mortensen lavando-se num pequeno lago na casa de seu irmão, após a chacina de todos os que pertenciam ao seu passado. O actor ajoelha-se e lava-se olhando no vazio como que renascendo novamente em Tom Stall. A última cena do filme é a chegada de Tom à casa da sua família em que entra em casa de *cara fechada* tentando como que reconhecer a sua vida através de um *olhar fixo*. O último passo é o entrar na cozinha

onde está a sua família. A frivolidade do olhar de Eddie perante a chegada do marido a casa demonstra-se através do olhar distante e cara baixa com os punhos cerrados em cima da mesa construindo uma espécie de barreira. O realizador desta história surpreendente constrói o perdão da família através da filha mais nova que é quem se levanta e põe o prato na mesa, olhando para o pai com um sorriso “*fechado*” como se convida-se o pai a sentar-se. Após a imagem do *olhar inocente e puro* da filha mais nova, o filho mais velho toma a sua vez e serve a comida ao pai. A cena termina num jogo de olhares por entre uma família pesarosa, em que Eddie devolve o *olhar triste e pesaroso* a Tom como se perdoa-se e recebe-se de novo Tom no seio de uma família unida.

A interpretação do texto não verbal realiza-se num efeito de sentidos entre o **olhar** e a **imagem**. Assim, tal como refere Tania de Souza¹⁵, “ (...) a noção de silêncio não pode ser confundida com o implícito. Ao contrário do implícito (não-dito), que significa por referência ao que foi dito, o silêncio não precisa ser referido ao dizer para significar” (Cf. SOUZA), isto é, o silêncio significa a inexistência da fala, mas não a impossibilidade de passar uma mensagem ou de haver comunicação. O tipo de análise que é passível de constatar no filme *Uma história de violência* é importante para o leitor “ver” uma imagem, tendo agora em consideração a transmissão de significados que um determinado silêncio com um determinado olhar pode ter.

Através dos exemplos incutidos nesta exposição, revela-se um aprofundamento da temática do silêncio como forma de comunicação de certas mensagens quer seja utilizando os cinco sentidos do ser humano, ou uma banda desenhada, bem como um momento silencioso num filme e o interessante nesta forma de comunicação é a versatilidade com que se adequa aos outros tipos de comunicação.

As sensações do indivíduo perante os ritmos, modos de sentir e observar constroem-se através da própria comunicação não verbal e é desta maneira que pretende-se que o leitor experimente os prazeres sensoriais livre de bloqueios ou de qualquer tipo de restrição. Logo, o que podemos perceber é que a comunicação é entendida como um processo social permanente confluindo em si múltiplos modos de comportamento, ou seja, a palavra, os gestos, a visão, a mímica, o olfacto e toda a variante comunicacional que permite ao indivíduo um espaço comunicativo bem amplo.

¹⁵ Autora da dissertação de mestrado na FHM: A análise não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação.

A intenção não é sobrepor a comunicação não verbal à verbal, muito longe disso, interessa sim “conhecer” a comunicação como um todo integrado. Aliás, da mesma forma que, na minha opinião, não está correcto alguns autores dissertarem acerca da comunicação não verbal promovendo “grupos de linguagem”, como por exemplo, a linguagem dos gestos, ou do corpo, ou até mesmo do olhar. É quase como se assumisse-se que cada gesto ou olhar têm um único sentido em particular. A única forma de apreender a comunicação é, simplesmente, entendê-la como um todo e vivê-la como um todo.

A comunicação é o elemento vital da integração social e da sustentação da sociedade, conclui-se, desta forma, que uma sociedade sem comunicação é algo impossível, visto que todo o ser humano é receptor e emissor num determinado contexto cultural.

A ciência da linguagem e da fala engloba, também, a *semântica* (estudo psicológico da linguagem e mudanças de significado), *nomenclatura* (nome das coisas e, a própria etimologia, a origem das palavras), fonética (como devem soar as palavras), literatura (acto de escrita e leitura), filologia (estudos circundantes na literatura), todavia, essencialmente, a linguagem é um meio, seja verbal ou não verbal, ou em conjunto, de comunicar ideias ou sentimentos. O que é dito ou escrito não deve ser confundido com linguística ou fala (acto verbal através da boca), bem como nem todo o silêncio ou expressões corporais e faciais devem ser entendidas como mensagens não verbais. Por esta mesma razão, é necessário em primeira instância apreender o que é a comunicação e, posteriormente delinear toda a comunicação verbal e não verbal numa interacção através de um olhar atento. Assume-se, desta forma, as palavras de Cunha, “(...) a fala é comunicativa e o silêncio passividade receptiva.”

Capítulo IV: A improbabilidade de não comunicar

Gostaria, neste sentido de propor a análise de um texto, que na minha opinião, revela a complexidade da não comunicação. José Silva, o autor do texto, *O cão que não sabia não comunicar* tenta desenvolver uma crítica construtiva à volta das teorias de Watzlawick apresentando em “texto corrido” uma análise das vantagens e desvantagens das conjuntas do teórico.

Na visão do autor dos axiomas, nomeadamente o primeiro axioma é impossível não comunicar, põem em causa o próprio senso comum, isto porque se destaca como dado adquirido – o real. É verídico, na medida em que é perceptível que existem variadíssimas formas de comunicação que não passam, somente, quer pela oral, quer pela escrita.

Entre os vários exemplos de livros e filmes que José Silva dá a conhecer, há um que aparece insistentemente sobre a impossibilidade de não comunicar. O exemplo dado é uma banda desenhada conhecida pelo Cão mais zangado do mundo de David Lynch, um cineasta norte-americano, que retrata um cão incrivelmente imóvel e raivoso. O animal apresenta-se, segundo o autor, como um animal que não tem nome, vive em completa inércia, ou seja não se mexe, não come, nem muito menos dorme. A única “actividade” deste cão é simplesmente o seu rosnar com um olhar fixo e que reflecte um estado de fúria, destacando-se por um estado de *rigor mortis*, o que, segundo José Silva, este cão apresenta-se na forma de um “vírus comunicacional” que surge como um impedimento no acto de comunicar.

Toda a ilustração à volta da história é repetitiva, sendo que as únicas mudanças são o dia para a noite e o sol e a chuva e as únicas vozes que se “ouvem” são dos donos do cão que nem aparecem, visto que o cão é a personagem central. A fisionomia do cão retrata-se através da cara “fechada” e “franzida”, mas que segundo o autor deste texto, “mais parece um tubarão”, desta forma é perceptível que existe uma complementaridade entre a fisionomia do cão com o seu aspecto imóvel e esmorecimento. Segundo José Silva, o autor da banda desenhada apresenta o cão numa página da Internet como se estivesse em “profunda prostração e imobilidade”, visto que ele não come, não se mexe e está sempre zangado.

Na visão de David Lynch a moral da história é não dar de comer aos cães “zangados”, logo, segundo José Silva, só resta ao cão comer o que os donos lhe dão e

ouvir os seus diálogos “sem significado” assim, a raiva do cão torna-se intolerável devido ao aprisionamento algo bizarro num cenário comunicacional abstracto.

Na opinião de José Silva é justamente aqui que comunicação e comportamento fundem-se, tornando-se sinónimos, afirmando mesmo que o comportamento não tem “oposto”, assim um indivíduo não pode não se comportar, nem mesmo desaparecer do mundo da interaccionalidade. Isto, na medida em que embora o cão apareça de uma forma estranha e bizarra, as suas atitudes devem ser entendidas como “quadros de referência” a nível comportamental, transpondo informações extremamente viáveis.

O autor do texto “O cão que não sabia não comunicar” traduz toda uma avaliação pragmática, segundo a noção de Paul Watzlawick aquando refere que um fenómeno torna-se inexplicável devido ao campo de acção em estudo onde este mesmo fenómeno possa acontecer.

No livro *Pragmática da Comunicação Humana*, de Paul Watzlawick, Janet Beavin e Don Jackson é dito que o livro ocupar-se-á de efeitos “pragmáticos” a nível do comportamento na comunicação humana, detendo sempre o centro da atenção a favor dos distúrbios na comunicação e o que é analisado consiste no complexo sistema comunicacional na vida humana. Todavia, é de salientar que este caso do “cão zangado” vem dar razão a Watzlawick, na medida em que o cão está zangado porque os donos o obrigam persistentemente a comer e responde negando qualquer tipo de comunicação e, limitando-se a comer e a estar zangado sem se mexer e o próprio esmorecimento do cão toma forma na concepção de que a própria actividade ou inactividade possui um determinado valor informativo e aquando os que rodeiam, neste caso o cão, não compreendem estes “sinais” informativos, também comunicam a sua ignorância ou a sua “desatenção” ao facto.

A única conclusão susceptível de se reiterar é de que a comunicação está inerente a cada comunicador e, sobretudo, nas relações que são estabelecidas, note-se que as informações não verbais mais complexas e variadas permitem um melhor entendimento do receptor que vai além das palavras, assim no caso de se poder avaliar o estado de espírito ou intenção da comunicação que o emissor está a desenvolver é muito mais acessível o entendimento através do silêncio e imobilidade, como é o caso do “cão zangado”.

O comportamento não verbal tem, porventura, como principal função informar acerca dos afectos e reacções do emissor, isto é, a sua atitude emocional, motivacional, e cognitiva é identificada através de todos os elementos não verbais num processo

comunicacional que funciona como base à comunicação na interação emissor-receptor. O decurso do enunciado linguístico toma partido do tacto, olfacto, olhar, os gestos e, até mesmo a mímica, pontuando de mil e uma maneiras um diálogo.

O que podemos perceber acerca do comportamento não verbal é o facto primordial deste desempenhar funções comunicativas e sociais, sendo que o único problema, a meu ver, é o facto de haver um aspecto espacial a irromper por entre este modelo comunicacional, ou seja, a comunicação está limitada, pois os indivíduos devem estar presentes ou frente a frente.

O corpo humano é o principal transmissor de códigos apresentativos (gestos, posições, tom de voz, etc), o teórico Argyle em 1972 procedeu à realização de uma lista onde constavam dez códigos apresentativos. E, ainda, sugere os tipos de significados que eles podem transmitir. No entanto, neste estudo estes dez pontos serão resumidos a cinco pontos, na medida em que foram os que pareceram ser determinantes para este trabalho.

1. O contacto físico que se refere a “quem tocamos, onde e quando o fazemos parece veicular importantes mensagens sobre o relacionamento.” (FISKE; 2004:26)
2. Os movimentos da cabeça, ora estes têm a ver com a forma de, por exemplo, “um assentimento pode dar a outrem licença para continuar a falar.” (FISKE; 2004:26)
3. A própria expressão facial, em que “esta pode dividir-se em subcódigos de posição das sobrancelhas, formato dos olhos, formato da boca e tamanho das narinas. (...) determinam a expressão do rosto, e é possível elaborar uma “gramática” das suas combinações e significados.” (FISKE; 2004:26)
4. Os gestos, ou a chamada *quinese*, que vem determinar que a “mão e o braço são os principais transmissores do gesto, mas os gestos dos pés e da cabeça são também importantes. Estão intimamente coordenados com a fala e complementam a comunicação verbal. Tanto podem indicar estimulação emocional em geral como estados emocionais específicos.” (FISKE; 2004:26)
5. O movimento dos olhos e o contacto visual, traduz-se pela “ocasião, frequência e duração de um olhar é uma forma de enviar importantes

mensagens sobre o relacionamento, especialmente para mostrar que desejamos que esse relacionamento seja de domínio ou de aliança.” (FISKE; 2004:26)

Desta forma é possível um entendimento maior e mais específico do que é a comunicação não verbal e o que esta implica.

“Ver é tudo e é exactamente por essa razão que proponho ao leitor que (...) sentando-se diante de um aparelho de televisão. Ligue-o, mantenha a imagem e corte o som.” (DAVIS; 1998:14) Não existe melhor forma do que esta citação para avaliarmos tudo o que precisamos de compreender acerca da comunicação não verbal. Tal como refere Flora Davis, no livro *Comunicação não-verbal*, o distanciamento da oralidade permite um conhecimento aprofundado de variadíssimos níveis de comunicabilidade, no sentido em que a comunicação não-verbal vai mais além de reacções emocionais, mas não se pode separá-la da comunicação não-verbal. É acima de tudo perceber que:

“(...) ambas são tecidas junto e de modo inextricável, pois quando seres humanos se encontram face a face, há uma comunicação em muitos níveis simultâneos, consciente e inconscientemente, usando-se para isso boa parte dos sentidos: a vista, o ouvido, o tacto e o olfacto.” (DAVIS; 1998: 16)

Em que medida é que o próprio olhar funciona como um meio comunicativo? O simples olhar fixo em direcção a alguém é considerado ou uma ameaça ou uma forma de sedução. Entre os animais, como por exemplo os gorilas, o olhar fixo é considerado como uma forma de ameaça utilizada persistentemente antes de um combate entre gorilas machos. Um simples olhar demonstra, também, uma conotação sexual, visto que quando um homem observa os seios de uma mulher e o olhar “corre” de cima a abaixo a mulher está a mostrar provocação para com a mesma, todavia se a mulher “foge com o olhar” está a comunicar ao homem para se afastar ou a ser tímida. Embora a temática circundante do olhar absorva, muitas vezes, a abordagem sexual e isso seja um tabu, o olhar é dos poucos indícios mais claros das intenções do emissor.

Atente-se o exemplo de Darwin sobre a comunicação mais básica: o encontro entre dois cães:

“Quando um cão se aproxima de outro cão que não conhece, pode achar útil mostrar, por meio de certos movimentos, que é amigável e não pretende conflitos. Quando dois cachorros, durante as suas brincadeiras, rosnam e se abocanham

mutuamente o focinho e as patas, torna-se óbvio que ambos compreendem os gestos e as atitudes um do outro.”
(DARWIN; 2006: 62)

Se todas as reacções do Homem revelassem tal naturalidade não existiria a subsequente elevação da comunicação não verbal perante um emissor para com o receptor. Portanto, é visível a afirmação de Ferin, aquando refere que a comunicação

“ (...) é um fenómeno de interacção; a comunicação não se reduz a uma mensagem verbal, na medida em que todo o comportamento social tem um valor comunicacional; a comunicação é determinada pelo contexto em que se inscreve; toda a mensagem comporta dois níveis de significação, ou seja, a informação e a relação que existe entre os interlocutores; a relação entre os interlocutores estrutura-se segundo o modelo simétrico e o modelo complementar; a maior parte das disfunções patológicas mentais pode ser atribuída a disfunções de comunicação.”
(FERIN; 2002:27)

A Comunicação Humana assenta em processos de sociabilização e transmite toda a vivência social a que somos expostos, por esta mesma razão, por vezes, torna-se necessário a utilização de certos gestos e expressões que indicam uma reacção contrária á pretendida, desta forma o Homem não consegue manter a linearidade conseguida pelos animais nas suas comunicações, o que de certa forma é de congratular porque é devido a essa mesma evolução que nos é permitido realizar diálogos das mais variadas formas e interpor variadas formas de comunicar e expressar.

A temática em estudo é perceptível na medida em que a linguagem gestual ou, a nível geral, a comunicação não verbal é apreendida como um processo natural (Naturalidade: não verbal), enquanto a comunicação verbal a nível oral ou escrito, subsiste num carácter universal (Universalidade: verbal).

A própria educação escolar determina esta diferença, constata-se a seguinte lei portuguesa, no decreto-lei 3/2008, 7 de Janeiro, no artigo 4, aquando refere que,

“As escolas devem incluir nos seus projectos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e aprendizagem, de carácter organizativo, e de funcionamento, necessárias para responder adequadamente às necessidades educativas especiais de carácter permanente das crianças e jovens, com vista a assegurar a sua maior participação nas actividades de cada grupo ou turma e da comunidade escolar.”

Conclui-se, desta forma que a integração na sociedade é efectuada através da verbalidade apreendida desde o nascimento até ao fim da vida, no entanto a não

verbalidade é algo natural, que provém através do próprio corpo. Todavia não se pode confundir movimento, gestos expressivos, acção, processo ou resultado de passar de um lugar, ou posição para outro, algo que difere de *locomoção* no sentido de que esta se restringe à passagem do corpo inteiro de um lugar para outro, enquanto o movimento compreende tanto a *locomoção* como a mudança na posição do corpo inteiro ou qualquer uma das suas partes.

Edward T. Hall e Niklas Luhmann são dois teóricos que dissertaram acerca da comunicação não verbal. Edward T. Hall fala do olhar diferenciando-o de cultura para cultura. É vital apreender-se que existem em todas as formas de comunicação não verbais aspectos interculturais.

O antropólogo, observou que, *“os árabes, às vezes, chegam-se bem perto para conversar e olham atentamente nos olhos enquanto falam”* (in DAVIS; 1998:92), já no Extremo Oriente, considera-se falta de educação olhar para a pessoa com quem se conversa. Ou até mesmo, para os norte-americanos, em que o *“olhar demorado dos árabes é irritante, mas evitá-lo definitivamente, como no Extremo Oriente, representa sintoma de doença mental”* (in DAVIS; 1998:93). Desta forma, é visível uma panóplia de aspectos culturais que entram em contraste com as formas de comunicação não-verbal.

O próprio antropólogo foi um dos teóricos e, é precisamente no seu texto, a Dimensão Oculta, que nos fala da forma como o Homem evoluiu através dos seus “receptores à distância”, ou seja, o ouvido e a vista. O papel dos receptores sensoriais que tomam parte no desenvolvimento dos mundos perceptivos do ser humano são esclarecidos quando Edward T. Hall sustenta que no mundo em si o que o ser humano não percebe não é a sua realidade, mas sim a reflexão das forças físicas sobre os órgãos sensoriais, em que para além do tacto e dos gestos, o brilho da comunicação não verbal passa, essencialmente pela visão e olfacto e, Hall exemplifica-o na perfeição aquando refere no livro “A dimensão Oculta” que, ao longo da Segunda Guerra Mundial, sentia o cheiro do pão francês cozido desde as 4 horas da madrugada e, torna o exemplo interessante na medida em que defende que estes tipos de sinais comunicativos tornam-se interessantes devido à intensidade que acrescentam à própria vida humana, bem como a todos os sentidos que se interligam com a comunicação humana. (HALL;2005) O quotidiano da sociedade está inundado de experiências sensoriais como esta, a única forma de se perceber que é impossível não comunicar é não falar durante um dia e observar tudo o que se passa à nossa volta experimentando cada gesto, cheiro, visão ou

a reacção dos receptores que nos circundam. Nas palavras de Ray Birdwhistell, através da Flora Davis, “ (...) o homem é um ser multissensorial. De vez em quando, ele verbaliza.” (DAVIS; 1998:44)

A comunicação é experimentada todos os dias porque tudo é mensagem, assim como um indivíduo não pode não comportar-se. A simples ausência de fala ou de observação não significa que não se esteja a comunicar, tal como já foi referido anteriormente, note-se que, mesmo sozinho, o emissor pode comunicar aos restantes a sua intenção de não comunicar comunicando, na medida em que um indivíduo faz parte da comunicação, visto que ela própria está inerente ao Homem.

É imprescindível notar-se que existe a tentativa por parte do sujeito em não querer comunicar, contudo, aquilo que se pretende demonstrar, é que a forma como o faz já está tão inerente ao próprio emissor, que ele comunica que não pretende comunicar. Contemple-se esta situação: existem dois estranhos e, um pretende comunicar e o outro não. Seja A o indivíduo que não quer falar e, B o passageiro que quer falar. Há duas coisas que o indivíduo A não pode fazer: fisicamente, não pode abandonar o campo de acção e também não pode *não* comunicar”, desta forma, podemos agrupar a comunicação em três formas, sendo a “rejeição” de comunicação, a “aceitação” de comunicação e a “desqualificação” da comunicação. Avalie-se este caso segundo estas três “opções”:

- ✓ A “rejeição” de comunicação reside no indivíduo dizer ao indivíduo **B** que não quer comunicar, sendo que pode fazê-lo de duas formas, ou seja, sendo indelicado, o que segundo as regras de comportamento é censurável, ou manter-se num silêncio ensurdecador para com o indivíduo **B**. No entanto, a comunicação não foi, de certa maneira, evitada.
- ✓ A aceitação de comunicação assiste-se, na medida em que o indivíduo A aceita a conversa e permanece em completa frustração, contudo agora não há forma de parar e tem de continuar a conversa, iniciando um ritual de interacção comunicativa para com o indivíduo **B**.
- ✓ A desqualificação da comunicação é uma “técnica” que o indivíduo **A** pode utilizar que se cinge a vários “fenómenos comunicacionais” que incluem contradições, mudanças bruscas de tema ou frases incompletas e incoerentes etc.

Porém, existe uma quarta opção para o indivíduo A que consiste no “fingimento”, como aparentar surdez, mudez, sono, invalidando a comunicação. Assim, o indivíduo A está a transmitir a mensagem de que não quer comunicar e não tem de sair do seu espaço para dizer-lo. Este tipo de comunicação toma forma no nome o *sintoma como comunicação* e, no livro *Pragmática da comunicação humana* os autores explicam, de forma caricata, um resumo da teoria por detrás desta forma comunicacional referindo que a teoria da comunicação em forma de “sintoma comunicacional” é de facto uma mensagem não verbal que é “enviada ao receptor” para que este perceba que aquele indivíduo não quer comunicar, incitando as mais diversas razões desde uma doença ou até mesmo motivos políticos ou quiçá o próprio cônjuge. Pode-se, assim, presumir que a comunicação constitui o sistema social através de interacções que abrangem informações. Desta maneira, uma mensagem, seja ela verbal ou não verbal, transforma-se em informação para o indivíduo.

Desde os fins dos anos 60 a inícios de 70 que Niklas Luhmann, o teórico alemão realizou inúmeros estudos, entre os quais subsiste a sua teoria acerca da Improbabilidade da comunicação, visto que para Luhmann uma teoria acerca da comunicação deve ser exposta, antes de mais, como algo improvável, embora se pratique e experimente o acto comunicativo todos os dias, mas apesar de tudo apreende-se que não podemos existir sem comunicar, nem a seja comunicar a nossa existência. (LUHMANN; 1993)

O pensamento do sociólogo contemporâneo, no seu trabalho *A Improbabilidade da comunicação*, cinge-se ao abordar a comunicação como um problema. Segundo o teórico existem três grandes problemas da comunicação, cujos terão de ser superados para a realização efectiva da comunicação. Numa primeira instância é o factor da compreensão, pois:

“(…) tendo em conta o isolamento e a individualização da sua consciência”, isto é, para além de não podermos adivinhar o que o emissor quer dizer ao receptor, o sentido da mensagem só pode ser entendido pelo que a memória lhe faculta, pois as suas vivências e o nível cultural são particulares. Cada um tem uma língua, um país, os seus valores e as suas singularidades.”
(LUHMANN; 1993: 56)

A segunda instância é um intermédio entre a “*extensão espacial e temporal*”, onde, no âmbito de uma conversa é improvável que a informação consiga aceder a mais pessoas para além das que se encontram na mesma situação.

A terceira instância é o fim pretendido, na medida em que mesmo supondo que a informação chegue ao receptor, é necessário que o mesmo a aceite. Constate-se, que o que Luhmann pretende dizer é que uma vez que a mensagem foi entendida pelo receptor, este tem a opção de aceitá-la como valor particular. Para Luhmann, estas três instâncias são aspectos dissuasores para que a comunicação chegue ao receptor.

Porém, segundo Paul Watzlawick, no seu primeiro axioma não existe nada que seja um não comportamento, porque tudo tem valor de mensagem, visto que se comunica de todas as maneiras, inclusive até no próprio silêncio, como já havíamos constatado, contudo, no texto de Luhmann aborda-se uma comunicação “utópica” em que este axioma só pode ser aplicado num sistema interactivo, onde ambos os indivíduos estejam presentes, todavia os estudo insiste no facto de se “validar” o que não se comunica. (LUHMANN; 1993), mas o que se pode concluir é que sem comunicação a sociedade não cria as suas estruturas/sistemas sociais, que são moldadas pelas improbabilidades que por sua vez se transformam em probabilidades. Logo, há que ter em atenção que a comunicação tem a particularidade de se auto-desenvolver, acessível a todos os seres humanos, mediante a socialização e tendo em conta os inúmeros códigos que envolvem toda uma sociedade, sendo um dos quais a comunicação não-verbal.

Portanto, segundo a própria teoria de Luhmann a sociedade é genuinamente comunicativa, (LUHMANN; 1993) e, visto a comunicação ser o ponto central atente-se, também, no simples facto que a sociedade é o universo de todas as comunicações possíveis.

O estudo da postura, do olhar e das expressões no rosto e até mesmo os gestos, incide neste trabalho como um perfeito exemplo da comunicação não verbal, é por excelência a condição primária de desvinculação no tratamento da Comunicação Humana através da união da linguagem verbal e não verbal.

A análise à imagem como uma forma de discurso não verbal permite assistir-se à utilização dos sentidos não verbais como linguagem e como uma forma de comunicação inerente ao movimento corporal. Há que ter em atenção que ao pensar-se numa imagem através da linguagem verbal, existe uma tendência para descrever a mesma, revelando a matéria visual, tal como já havia sido referido a materialização da imagem subsiste através da sua existência e não da sua co-relação com o verbal.

Repare na ligação da teoria de Luhmann para com a de Hall:

✓ A “*rejeição*” de comunicação já tínhamos observado que residia no facto de um emissor indicar ao receptor que não quer comunicar das mais diversas formas. Ora, vejamos que de acordo com o antropólogo realmente o emissor envia a mensagem das mais diversas formas, todavia como será a recepção da mesma por parte do receptor? Segundo Luhmann, o factor da compreensão, torna-se vital devido ao receptor ter que recorrer à sua consciência e á sua vivência para determinar o valor da mensagem. Por exemplo, é raro existir alguém que nunca tenha passado por esta situação: são 4 horas da manhã e o indivíduo já está na cama a dormir e de repente o telefone toca e do outro lado ouve-se: estavas a dormir? O emissor acaba de enviar a mensagem em forma de uma pergunta, enquanto o receptor ira responder de forma irónica e com um tom agressivo simbolizando a ironia do conteúdo da pergunta perante a situação.

✓ A *aceitação de comunicação*, como já havíamos visto relaciona-se em torno de uma conversa em que emissor tem que dialogar não querendo fazer, mas resigna-se e permanece na conversa. Desta forma, antevemos a segunda instância do teórico alemão, na medida em que numa conversa somente os interessados e os que estão efectivamente na conversa é que poderão ser receptores e estabelecer uma ligação comunicativa. Tal como Rosa Mesquita refere,

“A comunicação humana é um fenómeno inter-individual, interno-externo e individual-coletivo. É compreensível quando a codificação e a descodificação da linguagem simbólica ocorrem, e sensível quando a interpretação dos códigos possibilita inúmeras significações.” (MESQUITA;1997:157)

✓ A *desqualificação da comunicação*, que segundo Hall, se cinge a uma miscelânea de “*fenómenos comunicacionais*” entra em concordância com Luhmann, a meu ver, na medida em que segundo o teórico mesmo supondo que a informação chegue ao receptor, é necessário que o mesmo a aceite. Ou seja, podemos usar as mais variadas formas de comunicação e o receptor pode optar pelo silêncio, expondo uma cara fechada, negando qualquer tipo de comunicação, logo é impossível não comunicar.

IV.I: A paralinguística

A dicção e a entoação, bem como o ritmo da própria conversação são primordiais no que toca à própria comunicação não verbal.

Demóstenes, era um jovem que detinha um problema de gaguez, por esta mesma razão, todos os dias ao fim da tarde ele lia discursos complicados com a boca cheia de pedras junto ao mar ateniense de forma a corrigir o defeito que o impedia de comunicar e argumentar para com os outros, embora este filósofo fosse extremamente sábio, a gaguez limitava a sua forma de expressar-se quer a nível oral, bem como a nível de comunicação corporal. Por exemplo, num discurso é vital adoptar uma postura recta e contacto humano, o chamado *eye contact*, isto porque o receptor necessita de uma imagem de segurança e seriedade por parte do interlocutor. O simples facto do interlocutor falar pausadamente, pronunciar bem as palavras, efectuar as pausas necessárias para marcar as frases, bem como uma expressão corporal cómoda para o receptor transforma um mero diálogo insípido numa argumentação rica em comunicação verbal e não-verbal.

A comunicação paralinguística consiste em mensagens não verbais que são transmitidas pelo próprio acto verbal, o que através da voz traduz muitas informações que são constatadas somente pelo timbre da mesma, observe-se que se um indivíduo falar com um volume mais forte transmitindo uma voz sonora é usada por um emissor que pretenda dominar a conversação, no entanto se for um timbre mais grave pode significar ansiedade ou até mesmo raiva devido à tensão provocada nas cordas vocais. Todavia, vejamos a própria entoação ao longo do processo comunicativo, se esta for proposta uma entoação irónica levará o receptor a ter percepção que o interlocutor está a brincar ou a dizer algo com sentido, mas utiliza essa entoação para não ferir os sentimentos do receptor, neste sentido toda a entoação tem um carácter exemplificativo do rumo da conversa para com o receptor.

O ritmo do discurso é um ponto de extrema relevância na paralinguística, isto porque também vai identificar, por exemplo, o grau de ansiedade do comunicador em questão, pois se o discurso for com pausas, devagar e com calma estará perante alguém que pondera o que diz, no entanto se for um discurso com inúmeras alterações de ritmo e acelerado, o indivíduo em questão, estará nervoso ou ansioso.

A paralinguística também inclui as alterações de fluência, ou seja, todas as hesitações, momentos silenciosos, conseqüentes repetições ou dificuldades na articulação de certas palavras ao longo de um diálogo são sinais úteis no sentido em que podem revelar medo, ansiedade ou nervosismo dependendo do contexto da conversa.

Edward T. Hall, mediante o seu estudo perante a paralinguística, refere quatro características essenciais, sendo a qualidade da voz, que subentende a tonalidade e articulação da voz; as características vocais, tratando os sons expressos pelos interlocutores, como por exemplo o riso, o choro, o bocejo e até mesmo o silêncio; os qualificadores vocais, ou seja, a forma como as palavras e as frases são ditas; e os factores rítmicos da conversação, no que diz respeito à velocidade do diálogo ao longo do diálogo, contudo todos os factores aqui evidenciados devem ser observados com cautela e sob o olhar atento e, acima de tudo enfrentando a situação e contexto social em que se encontra.

Capítulo V: Dimensão da Comunicação Não Verbal

A Comunicação Humana apresenta quatro níveis comunicacionais, que permitem o estudo e a divisão entre a comunicação verbal e não verbal, neste sentido, numa primeira instância assiste-se à dita linguagem articulada, que incide na linguagem “falada”, ou seja, é toda a comunicação verbal.

Num segundo sentido, observamos a paralinguagem, que num sentido mais prático é a que mais se assemelha à linguagem articulada, visto que trata o estudo de sons vocais, o que em geral observa a articulação da voz desde o próprio timbre, volume, entoação, pausas na conversação e até mesmo o ritmo da fala.

O terceiro ponto introduz grande parte da comunicação não verbal, na medida em que estuda a gestualidade, inerente à cinética que traduz o estudo de gestos e movimentos corporais, englobando o movimento do corpo, as expressões faciais, o olhar e a postura.

Por último podemos avaliar a proxémica, que alberga o sentido “espaço-temporal”, isto porque o tempo “Cronémica” e o espaço “Proxémica” abarcam uma influência extraordinária no estudo da comunicação não verbal.

Na proxémica, o Homem não está limitado ao seu EU, sendo que pode deslocar-se em pleno meio comunicativo, em que o espaço e o tempo podem variar em função de cada indivíduo e até mesmo de cultura.

A cinética, tal como é referido por Fernando Dias, “compreende a estrutura e os níveis de observação da linguagem corporal. Assim, a estrutura da linguagem corporal decompõe-se em *cine* (gesto da mão, por exemplo), estes, quando agregados, constituem um *cinema* e estes, ainda, quando também agregados, constituem um *ciniforme*. Os níveis de observação da linguagem corporal compreendem a precinética (estudo fisiológico da actividade corporal), a microcinética (estudo das unidades comportamentais de análise) e a cinética social (estudo do comportamento em contexto social e o seu significado comunicacional).” (NOGUEIRA; 2008:17) Complemente-se a noção através das palavras de Birdwhistell, aquando refere que “é muito possível que forçássemos os dados do movimento corporal numa trama pseudolinguística” (GREIMAS; KRISTEVA; BREMOND; e outros; 1979:87) O autor acreditava firmemente que a linguagem verbal e o movimento corporal subsistem num processo comunicacional que necessita de interacção. A cinética transporta consigo duas noções

importantes dentro da comunicação não verbal: as expressões faciais e a expressão corporal.

As expressões faciais acarretam a zona mais importante no universo da não verbalidade, isto porque é a zona do corpo humano que é mais expressiva e que consegue enviar uma grande quantidade de informação e consegue aceder a mais informação. Atente-se que a maior parte das expressões faciais produzidas pelo Homem são reveladoras de forte interação e as emoções podem ser reveladas através do próprio rosto determinando sete emoções, sendo elas expostas num quadro exemplificativo para maior compreensão. No sentido de haver uma noção mais explícita do que está a ser analisado estão expostas frases do autor Desmond Morris, do livro *A Mulher Nua*. As expressões faciais estão inerentes ao ser humano até mesmo nas alterações de humor, por exemplo, tal como expõe Desmond Morris:

“(…) dificilmente alguém participou numa conversa cara a cara sem ter empregado, de forma inconsciente, sinais da testa sob a forma de movimentos das sobrancelhas e enrugamento da pele, acções vitalmente importantes para indicar alterações de humor.”
(MORRIS; 2007:37)

Neste sentido, o rosto mais peculiar e mais diversificado é o rosto feminino, visto que é extremamente enigmático, no entanto, segundo Morris, se observarmos as seis acções visíveis nas sobrancelhas consegue-se avaliar um estado emocional específico:

Baixar sobrancelhas : (...) O franzir do sobrolho, não é estritamente vertical. Ao moverem-se para baixo, as sobrancelhas também se movem ligeiramente para dentro, aproximando-se uma da outra. Isto faz com que a pele entre elas seja comprimida, criando pregas curtas e verticais. O número de pregas varia de indivíduo para indivíduo e cada adulto tem um “padrão de franzimento” característico de uma, duas, três ou quatro linhas. (...) O baixar das sobrancelhas acontece em dois tipos de situação bastante diferentes, os quais podem ser *grosso modo*, rotulados como agressivo e protector. Em contextos agressivos a acção cobre uma ampla variedade de intensidades, desde a mera desaprovação ou determinação categórica até à irritação e fúria violenta. Em contextos protectores, a acção ocorre sempre que existe uma ameaça aos olhos. (...)” (MORRIS;2007:37- 45)

O “*semicerrar*” dos olhos é típico de um rosto retraído que antecipa um contacto físico ou de um rosto demasiado iluminado exposto a uma luz de tal forma forte que os olhos estão a começar a sofrer. Este “*semicerrar*” protector também acontece com frequência quando nos rimos, choramos e em momentos de desgosto extremo, indicando que estas condições talvez podem ser encaradas como tipos de exposição demasiado forte.” (MORRIS;2007:37- 45)

“*Erguer das sobrancelhas*”

“Quando as sobrancelhas se erguem, movem-se ligeiramente para fora, afastando-se uma da outra. Isto faz com que a pele entre elas se estique, esbatendo as pequenas rugas verticais. Ao mesmo tempo, contudo, toda a pele da testa é comprimida no sentido ascendente, criando um padrão de longas rugas horizontais. (...) Esta é a “*testa franzida*”, como se costuma dizer, e associa-se normalmente a um indivíduo “preocupado”. (...) O indivíduo preocupado com a testa franzida é, basicamente, alguém que gostaria de fugir mas, por qualquer motivo, não pode fazê-lo. A pessoa que se ri com a mesma expressão da frente enrugada está também um pouco alarmada.” (MORRIS;2007:37- 45)

“*Empertigar da sobrancelha*”

“ Esta é uma mistura das duas acções anteriores, com uma sobrancelha a ser baixa, enquanto a outra é erguida. (...) A mensagem transmitida por esta acção é tão intermédia como a expressão em si. Metade do rosto parece agressiva, ao passo que a outra metade parece assustada. Por qualquer motivo, esta resposta contraditória é observada com menos frequência nas mulheres adultas do que nos homens. Normalmente, o estado de espírito do empertigador de sobrancelha é de cepticismo. A sobrancelha erguida age como um ponto de interrogação em relação ao outro olho, com uma expressão penetrante.” (MORRIS;2007:37- 45)

“*Sobrancelhas unidas*”

“As sobrancelhas são erguidas e aproximadas uma da outra em simultâneo. Tal como a última acção, é complexa e composta por dois elementos retirados do Baixar e do Erguer. O movimento para dentro é retirado da acção Baixar Sobrancelhas, o que produz pequenas rugas verticais no espaço comprimido entre as sobrancelhas. O movimento para cima é retirado da acção Erguer Sobrancelhas, o que produz rugas horizontais ao longo da testa. O unir das sobrancelhas produz, assim, um duplo conjunto de rugas na pele. Esta é a expressão associada à ansiedade e à mágoa intensa. (...) Um

bom exemplo é a expressão comum utilizada nos anúncios a remédios para enxaquecas.” (MORRIS;2007:37- 45)

“Lampejo de Sobrancelhas”

“As sobrancelhas são erguidas e novamente baixas numa fracção de segundo. Este erguer rápido das sobrancelhas é um sinal humano importante e, ao que parece universal, de cumprimento. (...) O lampejo de sobrancelhas é normalmente executado à distância, no início de um encontro, e não faz parte das atitudes de proximidade, tais como o aperto de mão, o beijo e o abraço, que se seguem. É muitas vezes acompanhado por um abano de cabeça e por um sorriso, mas pode ocorrer sozinho.” (MORRIS;2007:37- 45)

“Encolher de Sobrancelhas”

“ As sobrancelhas são erguidas, mantidas por instantes na posição elevada e depois baixadas. É o breve “manter” das sobrancelhas na posição elevada que distingue esta acção do Lampejo de sobrancelhas de cumprimento e ênfase.” Normalmente esta acção inclui a participação de todos os elementos do rosto. Na ausência deste tipo de definição pode-se dizer que ocorre um Encolher de Rosto. A diferença entre o Encolher de sobrancelhas e o Lampejo de sobrancelhas é que o primeiro está ligado directamente a uma “cara triste”, ao invés do segundo que está associado a uma “cara feliz”. (MORRIS;2007:37- 45)

Desmond Morris, disserta no seu livro sobre a temática, a comunicação não verbal, expondo-a como uma característica essencial e fixa na nossa rotina diária,

O autor, trata este tema de uma forma algo caricata no seu livro. Transportando uma lição sobre as expressões e conotações de uma forma por vezes irónica ou, até mesmo de maneira a que o olho humano consiga observar os seus próprios gestos através de um molde mais realista. A sua escrita dita uma realidade sobre a linguagem gestual nunca antes vista.

O rosto traduz grande parte das informações, contudo as sete emoções aqui apresentadas são na maior parte dos casos experienciadas no nosso dia-a-dia.

<i>Expressões</i>	<i>Descrição</i>
Alegria	<p>Sobrancelhas relaxadas. Boca aberta e os cantos da boca em direcção à frente seguindo a linha de segmento das orelhas.</p> <p><i>“O lampejo de sobrancelhas está associado a uma “cara feliz”.</i></p>
Tristeza	<p>Parte interior das sobrancelhas elevada. Olhos ligeiramente fechados. Boca relaxada.</p> <p><i>“O encolher de sobrancelhas está ligado directamente a uma “cara triste”</i></p>
Raiva	<p>Parte interior das sobrancelhas contraída para baixo. Lábios prensados.</p> <p><i>“A linha de demarcação do olho é garantida pela pele da frente e não pela pálpebra. Isto concede uma forma estranha e inconfundível aos olhos. A mensagem que se quer transmitir é de raiva surpreendida.”</i></p>
Medo	<p>Sobrancelhas elevadas e olhos tensos.</p> <p><i>“O “semicerrar” dos olhos é típico de um rosto retraído que antecipa um contacto físico ou de um rosto demasiado iluminado exposto a uma luz de tal forma forte que os olhos estão a começar a sofrer.”</i></p>
Nojo	<p>Sobrancelhas e pálpebras relaxadas. Lábio superior elevado de forma assimétrica.</p> <p><i>“O unir das sobrancelhas produz, assim, um duplo conjunto de rugas na pele. Esta é a expressão associada à ansiedade e à mágoa intensa. (...) Um bom exemplo é a expressão comum utilizada nos anúncios a remédios para enxaquecas.”</i></p>
Surpresa	<p>Sobrancelhas elevadas. Pálpebras superiores muito abertas e as inferiores relaxadas. Boca aberta, fazendo descer o maxilar inferior.</p> <p><i>“É o breve “manter” das sobrancelhas na posição elevada que distingue esta acção do Lampejo de sobrancelhas de cumprimento e ênfase.”</i></p>

Quadro 1: Exemplificativo da temática em estudo. (MORRIS; 2007: 37- 45)

O olhar é dos principais transmissores de informação, principalmente o olhar feminino, na medida em que as mulheres utilizam o olhar de forma sedutora, ou de forma apreensiva, ameaçadora ou até mesmo agressiva. O olhar da mulher é muito mais “maleável” do que o dos homens.

Por exemplo, seguindo a linha de pensamento de Morris, a forma de saber se o sentimento acerca de algo é recíproco é quando se denota no próprio olhar, círculos negros e profundos, ao contrário das pupilas minúsculas que denunciam um problema ou não entre o receptor e o emissor. Atente-se, no simples facto, que grande parte dos casos o Homem utiliza os óculos de sol de forma a poder esconder o olhar para não denunciar as suas emoções, verifique-se a seguinte frase:

“ Olhos que se desviam, olhos nervosos, olhos desatentos, olhos absorventes, olhos dilatados, tudo isto é escondido dos companheiros de alguém que utiliza óculos de sol. Apenas conseguem imaginar o que se passa por detrás da máscara dos óculos escuros.”
(...) O contacto visual directo e prolongado apenas ocorre em momentos de amor ou ódio intensos. Para a maioria das pessoas, na maior parte das ocasiões, um olhar directo que seja mantido por mais do que alguns instantes é demasiado ameaçador e rapidamente é desviado.”
(MORRIS; 2007:64)

As mensagens visuais se forem observadas de forma atenta podem ser extremamente esclarecedoras. Pondere-se a seguinte situação,

“ Os gestos, movimentos corporais, podem vir juntamente com a fala e até mesmo na ausência desta. Os significados que lhes são atribuídos não são universais, pois, em diferentes culturas, o mesmo gesto pode ter conotações diferentes. Mas há, portanto, gestos que têm os significados universais (...)”
(WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Petrópolis: Vozes, 1986: 510)

O movimento corporal e facial transporta um grau informativo de extrema relevância, como já foi constatado, e a postura corporal é a mais visível, porque é a mais fácil de ser compreendida, até mesmo pela repetição de alguns gestos, como por exemplo o simples cruzar de braços.

O movimento facial é de um carácter informativo, mas de extrema subtileza, por conseguinte alguns movimentos faciais são imperceptíveis, todavia a forma mais subtil na comunicação não verbal é o olhar, até mesmo pela própria educação, na medida em que é ensinado desde a mais tenra idade a se ter cuidado para onde se olha.

A própria cinética, estudo dos movimentos corporais, relaciona estudos entre o ser humano e o mundo animal, referindo vários exemplos de primatas, devido às semelhanças nos mesmos. Por exemplo, o macaco *rhesus* ou *reso* (macaco mulatta) é um primata de cor geralmente castanho-avermelhado de face rosada, normalmente, sentem-se ameaçados se forem olhados fixamente. Ou, note-se a diferença entre o homem e a mulher, geralmente uma mulher olha fixamente quando está a verbalizar, já o homem só o faz quando escuta a informação que lhe é fornecida.

Mensagens visuais

“Baixar os olhos”

Sinal de modéstia. “Baseia-se no comportamento natural dos subordinados que não se atrevem a olhar para os superiores, mas o movimento não é aleatório.” (MORRIS; 2007: 64 – 73)

“Erguer os olhos”

Sinal deliberado, ou seja, normalmente transporta a conotação de uma “pretensa inocência”. (MORRIS; 2007: 64 – 73) Todavia, também pode transmitir a ideia de desinteresse ou de estado pensativo.

“Olhos Zangados”

Versão complexa da acção de fixar. “A linha de demarcação do olho é garantida pela pele da fronte e não pela pálpebra. Isto concede uma forma estranha e inconfundível aos olhos. A mensagem que se quer transmitir é de raiva surpreendida.” (MORRIS; 2007: 64 – 73)

“Olhar de esguelha”

Olhar de relance para alguém sem ser visto. Esta acção é tida como medo de olhar directamente para alguém ou como forma de “flirtar” com alguém.

“Arregalar os olhos”

Olhar agressivo ou uma tentativa falsa de parecer surpreso.

“Semicerrar os olhos”

Resposta protectora contra demasiada luz ou símbolo de arrogância transmitindo uma expressão de antipatia.

“Brilho dos Olhos”

Estado emocional forte que é visível através do brilho cintilante dos próprios olhos.

“Um anúncio declarava que “A olho nu, é um rosto nu.” Na verdade, este “rosto nu” era conseguido graças ao mais longo e meticuloso processo de maquiagem da história dos cosméticos.” (MORRIS; 2007: 64 – 73)

No quotidiano basta um breve momento para decidirmos se gostamos ou não da pessoa que acabamos de conhecer. A própria compreensão dos gestos e das expressões é uma forma de conhecermos o indivíduo em questão.

“No macho humano adulto, ficam realmente um pouco mais finos e, em condições primitivas, acabam por desaparecer de vista por baixo dos pêlos faciais masculinos. Contudo, a fêmea humana típica continua a exibir um par de lábios macios e carnudos pelo resto da sua vida adulta ou, pelo menos, até atingir uma idade muito avançada, altura em que também ela se junta ao grupo dos lábios finos.” (MORRIS; 2007:94)

Tal como refere Morris, os músculos faciais trabalham em desfavorecimento contra os lábios, demonstrando-o pela simples indicação de abrir e fechar a boca a qualquer momento.

O autor reúne no livro *A Mulher Nua*, um conjunto de **músculos** que indicam a forma como os lábios são indicadores de determinadas emoções:

Músculos elevadores: erguem o lábio superior e ajudam a criar expressões de mágoa e de desprezo.

Músculo Zigomático: puxa a boca para cima e para trás nas expressões felizes do sorriso e do riso.

Músculo triangular: puxa a boca para baixo e para trás na expressão carregada de tristeza.

Músculo depressor: puxa o lábio inferior para baixo, para ajudar a criar expressões como as de aversão e de ironia.

Músculo levator menti: ergue o queixo e projecta o lábio inferior para a frente numa expressão de desafio, e o **bucinados**, ou músculo trompetista, comprime as faces contra os dentes.

O Platisma, Região do pescoço que puxa a boca para baixo e para o lado como parte de tensão do pescoço em antecipação de danos físicos.

Desta forma é passível de se observar que “estas acrescentam um certo grau de abertura ou de encerramento da boca, o que vem introduzir um novo elemento nas subtilezas dos sinais faciais.” (MORRIS; 2007:104)

No seguimento das expressões faciais existem, as expressões corporais e observe-se que através do nosso olhar, da própria postura e gestos corporais o nosso corpo transmite mais informações do que um diálogo.

“De uma forma ou de outra, certamente que, em qualquer situação comunicativa a Comunicação não-verbal é inevitável porque o corpo tem uma linguagem própria, uma linguagem que é muda, mas uma linguagem tão expressiva que comunica mais do que as palavras. Se as palavras podem ser ambíguas a nossa linguagem corporal raramente o é.” (MOREIRA; 2009:37)

A postura que o Homem detém no dia-a-dia é, em grande parte a sua forma de estar na vida, bem como “As formas como nos sentamos, levantamos ou deitamos podem comunicar uma gama limitada, mas interessante, de significados. Relacionam-se muitas vezes com atitudes interpessoais: a amistosidade, a hostilidade, a superioridade ou a inferioridade (...) indicando, também um estado emocional, sobretudo o grau de tensão ou de descontração” (FISKE; 2004: 35), toda a nossa postura, quer seja a forma de andar ou até mesmo estar sentado de olhar fixo querem substancialmente um significado.

As expressões faciais revelam mais informações que as corporais, note-se que torna-se muito mais difícil “esconder” as nossas emoções através das expressões corporais do que nas faciais, isto porque um rosto que revele um olhar fixo, boca relaxada e a testa lisa pode aparentar um indivíduo calmo, no entanto se estiver com os braços para trás das costas e estiver a mexer os dedos das mãos apertando-as repetidamente revela um forte indício de preocupação ou ansiedade.

A postura é o centro de comunicação não verbal mais fácil de descobrir, visto que o Homem torna-se uma forma de conhecimento do receptor mediante o campo profissional, o que para um psiquiatra é uma ferramenta de trabalho, na medida em que indica alguns dos problemas do paciente.

Imaginemos que vemos uma pessoa pela primeira vez, se esta nos agradar notaremos uma ligeira imitação de expressões corporais, isto porque é a forma do nosso EU, expressando algo que nos agrada.

As pernas, os braços, os pés e, principalmente, as mãos são sinais reveladores de uma atitude ou emoção, basta somente a interferência de uma mão ou de um pé que outras posições e movimentos do corpo responderão. A própria inclinação da cabeça e do pescoço para a frente, seguindo um determinado eixo e uma determinada velocidade, provocam um alinhamento entre dois membros do corpo na sua posição normal que

resultam num movimento assertivo e que detém como “significado” o **sim**, o **assentimento**. É necessário compreender que a postura, embora seja mais sincera, visto que anteriormente já tínhamos visto, que em concordância com as expressões faciais pode ser revelador e não dissimulador, este torna-se não só uma parte para a descoberta do carácter, mas também uma forma de desvendar a atitude do indivíduo.

Atente-se no seguinte exemplo: existe um vendedor e um casal. O casal em questão procura uma casa pequena com muita arrumação e boa iluminação, contudo o vendedor ao mostrar uma casa com estes atributos, olha para o casal de forma a poder avalia-los, na medida em que para vender há que estabelecer uma relação. Neste momento o vendedor repara que a mulher é sempre a primeira a entrar em cada divisão, é ela que toca nas paredes e armários de forma a avaliar a resistência do material em questão e, no fim de toda a observação a mulher pergunta qual o valor da casa. Ora, é fácil depreender que pelas características solicitadas no imóvel, conjugando à imagem decisiva e atitude directa da mulher é ela quem detém o poder de decisão.

O movimento do nosso corpo e os gestos que os nossos membros realizam fazem obter diferentes resultados desde a liderança, submissão, vergonha, concentração e hostilidade. Significados que permitem reflectir a nossa atitude perante a sociedade. Um exemplo de fácil compreensão é o pedido que um indivíduo faz a outro através de um ligeiro toque no ombro, sendo um forte mecanismo de conversação.

A sociedade está em contínua estimulação emocional e permanente utilização de comunicação, todavia a problemática está em como saber articular um “signo” em permanente evolução e situado num tempo e espaço próprio como já havia sido supradito. A proxémica compreende o estudo social dos tipos de espaço, a gramática espacial das relações interpessoais e as variáveis respeitantes ao corpo na relação com o outro e todos os nossos movimentos corporais são significativos devidos, também, ao espaço e ao tempo em que estamos situados.

Edward Hall considera o espaço de características fixas (edifício, passeios), o espaço de características semi-fixas (colocação das peças de mobiliário numa casa) e o espaço informal (zona espacial em torno do corpo, que se "desloca" com o indivíduo).

Observemos, que o espaço em que nos encontramos é o principal veículo de mensagens, sendo assim, o espaço pode ser tipificado em quatro categorias:

- A **Distância Íntima**: uma distância que permite um corpo estar em contacto quase directo com outro. A sua medição aproximada é de 15 cm. a 45 cm. Normalmente, esta distância indica protecção, amor ou

eventual contacto físico. É mais experienciada pelos casais ou amizades/fortes ligações. Porém, devido ao quase directo contacto físico também é uma distância de demonstração de força, podendo considerar-se ameaçadora.

- A **Distância Pessoal**: Pode-se considerar uma distância de aversão ou estranheza, isto porque é como se cada indivíduo estivesse dentro de uma “bolha protectora”, geralmente é utilizada num primeiro contacto com outra pessoa, ou de forma a não estar muito perto de alguém. Todavia, também é utilizada no seio familiar, visto que torna-se similar à distância íntima, na medida em que pode ir dos 40 cm. até aproximadamente 1.20 m., logo para com amigos ou familiares, muitas vezes as duas distância funcionam como se formassem uma.
- A **Distância Social**: é uma referência quando se fala da interacção dentro do meio profissional ou com pessoas com as quais não existe confiança. Vai aproximadamente de 1.20m. a 3.5m., e usualmente obtém um efeito de dominação.
- A **Distância Pública**: existe, somente, para acontecimentos onde não desejamos um contacto directo, nem mesmo pessoal. Geralmente, é utilizado de forma formal e escolha cuidadosa da informação transmitida. Aproximadamente este contacto pode ir dos 3.5m. aos 9m. Normalmente nesta situação, encontra-se uma escolha cuidadosa quer na comunicação verbal, como na não verbal.

Paul Ekman, o psicólogo estadunidense, que investigou e dissertou acerca da comunicação não verbal, particularmente no campo das emoções e das expressões faciais, neste sentido engloba cinco categorias que traduzem a significância dos gestos e movimentos que transmitam uma mensagem: **os emblemas**, movimentos que agem como substitutos de palavras; **ilustradores**, movimentos que são realizados de forma a acompanhar o discurso; **reguladores**, movimentos que possibilitam uma reacção no próprio indivíduo ou no receptor; **adaptadores**, movimentos que indicam o estado emocional da pessoa, como por exemplo coçar a cabeça, friccionar as mãos ou pés e, até mesmo o cruzar e descruzar os braços e, por fim os **demonstradores de afectos** que tal

como o próprio nome mostra revelam emoções, recorrendo maioritariamente às expressões faciais.

Capítulo VI: Naturalidade vs Universalidade

A cinética foi, primeiramente, estudada por BIRDWHISTELL, na tentativa de entender a linguagem corporal e o seu estudo focou os movimentos corporais, excluindo expressões faciais e posturas similares nas diferentes sociedades. Assim sendo, concluiu-se que o antropólogo considerava que não havia gestos ou movimentos corporais que pudessem ser considerados símbolos universais, transpondo que não existe um repertório idílico de “código gestual”. A polémica primordial neste tema é, justamente, o facto de haver universalidade na comunicação não verbal, claro que há que ter em atenção que a comunicação depende da própria existência sociocultural.

EKMANN, argumenta contra BIRDWHISTELL, na medida em que pondera que em certas culturas a existência de certos gestos podem ser descritos como universais, todavia o teórico também determina que em todas as culturas existem certas situações onde as expressões dependem da conduta de cada cultura dispondo de certos estilos faciais próprios.

É essencial entender que para perceber todo o processo comunicativo na não verbalidade não basta estudar a linguagem corporal, mas também observar o espaço ocupado pelo Homem, o tom da voz e a entoação, bem como os factores do meio ambiente envolvente inserido num só contexto. O corpo e o rosto comunicam mesmo destituídos das palavras, na medida em que a comunicação não verbal transporta um conjunto de possibilidades perceptíveis a um olhar atento. Normalmente, a espontaneidade destas expressões é considerada verdadeira se corresponder a meros segundos e se ocorrer durante muito tempo e for repetidamente a mesma expressão pode tratar-se de uma tentativa de dissimulação ou até mesmo exagero.

A linguagem não verbal torna-se interessante apenas pela maioria das vezes haver uma contradição do corpo para com as palavras, na medida em que a sinceridade das emoções transmitidas pelo rosto e pela própria linguagem corporal manifestam-se, mesmo que o cérebro indique o contrário. Todavia, a linguagem verbal inclui emocionalidade na dicção, na própria entoação das palavras e inclusive a repetição das mesmas.

No âmbito da comunicação não verbal existem os ilustradores, que comunicam, essencialmente, com as mãos devido à alta expressividade que demonstram e neste sentido existem, também, os chamados manipuladores que detêm micro expressões

muito pequenas, visto que tentam controlá-las ao máximo, contudo esta tentativa de controlo não se manifesta a nível corporal e, neste sentido pode ser visível as emoções através das mãos e dos pés.

VI.I: “Protocolo social”

A comunicação não verbal pode ser explicada de várias formas, ou seja, através da proxémica, que é referente á comunicação gestual que se trata das situações referentes à utilização e estrutura do espaço pessoal. A paralinguística que concentra-se na análise de certas situações linguísticas que dizem respeito à conduta verbal, tais como o tom, o ritmo, a velocidade da conversa e até mesmo as pausas ao longo da conversação e a cinética que refere-se à problemática inerente à postura corporal, expressões faciais e gestos incidindo no comportamento humano em torno das relações interpessoais.

A linguagem não verbal e a linguagem corporal são uma comunicação que pode ser “lida”, por exemplo: um sorriso está classificado como sistema de alegria; o sobrolho franzido considera-se sinónimo de tristeza e até mesmo, o encolher dos ombros que significa que a pessoa em questão não sabe ou não entende algo em concreto. Observe-se, as próprias mãos falam, o simples facto de esfregar as mãos, indica uma atitude expectante, sendo facilmente detectável numa reunião de negócios, tal como o facto de esfregar o polegar contra os dedos tem uma conotação de ambição, dinheiro, um gesto visível num típico agente da área comercial.

Atente-se em duas formas de transmitir uma mensagem através das mãos e dos braços:

Mãos que falam:

Mãos freneticamente agitadas expõem uma pessoa que gesticula ao falar e que denota sinceridade, isto porque não tem medo de fazer sobressair aquilo que diz com os seus gestos, inclusivamente dando ênfase a conversa.

As palmas voltadas para cima e dedos esticados significa que não existem segundas intenções, isto é, não tem medo de se expor, no entanto esta abertura para com o interlocutor pressupõe vulnerabilidade. Todavia uma pessoa que detenha as palmas viradas para cima com os dedos flectidos transparece manipulação.

Se o interlocutor tiver as palmas viradas para fora é sinal de defesa, isto porque quer manter a distância entre si mesmo e o receptor.

Mãos com os dedos entrelaçados, embora pareça um gesto banal, normalmente, regra geral, é acompanhado por um sorriso, o que ironicamente denota frustração, dissimulando uma atitude negativa, ao invés das mãos juntas em forma de triângulo transporta a conotação de confiança, um gesto típico na área política.

Braços que falam:

O gesto de cruzar os braços sobre a parte superior do corpo significa autodefesa, um bloqueio automático numa conversação aquando o interlocutor ou receptor se sente inseguro e pretende manter a distância ou “proteger-se” de algo real ou imaginário. Assim, o cruzar de braços comum denota sempre uma atitude defensiva como se a própria pessoa estivesse a guardar o seu espaço, no entanto quando o cruzar de braços é “forçado” demonstra uma atitude defensiva, mas também de hostilidade visíveis no aspecto tenso do tronco e dos próprios braços bem como o eventual cerrar dos punhos algo que cria alguma contradição neste tema. Constate-se nas visões acima referidas de EKMAN e de BIRDWHISTELL, no que toca à universalidade dos gestos, embora haja uma notória naturalidade das expressões faciais e corporais dependendo dos códigos de conduta de cada cultura, as emoções tornam-se de certa forma universais, na medida em que a tristeza, a alegria, o medo, a raiva e o nojo são emoções partilhadas por todo o ser humano, todavia não devemos esquecer que a universalidade continua a depender da cultura e da experiência de vida, tal como já havia sido observado. Observe-se certos gestos que denunciam emoções:

Mentira:

O acto de esfregar o olho e desviar o olhar , sinal típico de alguém que não tem coragem para olhar na cara da pessoa com quem está a falar porque está preocupado com a mentira que está a contar.

O toque no colarinho da camisa ou tocar com a mão no pescoço resulta de uma ligeira “vibração” no pescoço e na cara no decorrer da mentira, alguns tentam mover-se e o toque é uma forma de tentar esconder a mentira.

O toque na orelha ou o coçar da mesma, revela a infantilidade da acção, visto que transporta a imagem de uma criança que não deseja ser repreendida.

Medo:

Observe-se que esta emoção transparece por si só, por exemplo nas pupilas dilatadas, a testa enrugada, as sobrancelhas unidas, mas levantadas e as inferiores muito tensas e os lábios, normalmente, estão contraídos e friccionados.

O medo apreensivo é denotativo numa situação em que a pessoa encontra-se preocupada com algo e tenta a autoprotecção, desta forma, tenta esconder os órgãos genitais demonstrando distância e, usualmente, é acompanhado por um tom de voz inaudível, como se a voz falhasse a medida que se estende a conversa, denota a falta de confiança no que é dito.

Raiva/ ódio:

Comunalmente, o rosto transparece comprimido, tenso e manifesta-se pela revelação dos punhos que estão constantemente cerrados. No caso masculino, a “maçã-de-adão” está em constante movimento. Geralmente, na linguagem corporal ao falar com as mãos, mostra-se um sinal de stop com a palma da mão à mostra ou, até mesmo com a palma da mão virada para baixo, tratando-se de uma tentativa de mostrar poder conjugado com a impaciência do momento.

Um gesto é mais individual do que o próprio indivíduo e toda a comunicação não verbal que caracteriza uma pessoa é relevante, no sentido de conhecer o indivíduo em si. O meio torna-se a mensagem, assim as expressões faciais e corporais tornam-se vitais neste aspecto, até porque o indivíduo vai revelar através do seu corpo as informações que o cérebro, muitas vezes, tenta omitir.

A postura do indivíduo torna-se reveladora neste sentido devido à forma como o indivíduo procede, através da paralinguagem, diz muito acerca da pessoa em si. Se o indivíduo detiver um comportamento discreto, mas aprazível; se for educado e, não se expor ao ridículo; simpático sem ser subserviente e sorridente sem recorrer ao exagero torna-se num indivíduo em perfeita harmonia para com a sociedade. No entanto, existem características referentes ao “protocolo social” que permitem ao Homem gerir a sua presença na sociedade da melhor forma.

Ora vejamos, uma senhora de pé deve expor-se da seguinte forma: perna esquerda ligeiramente atrás com a direita a fazer um ângulo recto junto à cova do pé; se tiver uma carteira deve colocá-la no seu lado esquerdo e deixar a mão direita livre de

forma a expressar-se correctamente, contudo se não tiver nada nas mãos devem cruzá-las atrás das costas de forma a demonstrar uma imagem segura e assertiva.

No entanto, atente-se que se estiver sentada a senhora deve ajustar o corpo às costas da cadeira, mas se estiver num sofá ou numa poltrona deve sentar-se na beira de forma a manter uma distância segura. Além disso, nunca deve cruzar as pernas mantendo-as direitas, lado a lado, ou se desejar uma posição mais cómoda, pode colocar o pé esquerdo no chão e cruzar pela parte detrás o pé direito.

Em relação ao “protocolo social” para o género masculino, a sua postura seria se estivesse de pé, as pernas com os calcanhares juntos de forma aos pés perfazerem um “V” e as mãos devem estar atrás das costas de forma a estar acessível, mas também com uma imagem que transmita poder.

Se o senhor estiver sentado deve evitar cruzar as pernas à frente da senhora, visto que, embora hoje em dia seja usual um homem cruzar as pernas, este deve fazê-lo com precaução de forma a manter uma postura recta. Inclusive, o cumprimento deve ser com a mão firme e acompanhado de um olhar firme nos olhos da outra pessoa revelando atenção à pessoa que tem à frente e mostrar simpatia. Porém, há que ter em atenção que, a naturalidade das expressões sobrepõem-se a estes “protocolos sociais”, o que neste sentido transmite uma dificuldade para com o indivíduo.

A naturalidade inerente à comunicação não verbal também depende da universalidade dos gestos, tal facto compreende-se no sentido de não haver um código de expressões que seja de carácter explicativo, até porque a própria naturalidade das expressões não permite que todas tenham o mesmo significado. Repare que em países como a China e o Japão existe uma diferença de mentalidades, por esta mesma razão não se estabelece qualquer contacto físico. Logo, o cumprimento é feito com uma ligeira inclinação da cabeça e um ligeiro sorriso. Ao invés dos ocidentais que cumprimentam com afecto e numa distância mais pessoal.

Capítulo VII: A não verbalidade quotidiana

Existe uma diferença entre dois conceitos, sendo eles, a comunicação não verbal, ou seja a linguagem não verbal em estudo e a língua gestual. Este conjunto tem uma semelhança muito importante que é a apreensão de todas as expressões e gestos desenvolvidas pelo próprio ser humano. Todavia, existem enormes diferenças nestes dois conceitos, sendo a principal uma noção errónea de que estes conceitos são exactamente a mesma coisa.

Um gesto é uma “unidade de significado” que deve ser observado, visto que tem um significado na sua plenitude. A linguagem por si só interage com o pensamento, logo porque razão a linguagem não pode interagir com todo o nosso corpo e, até mesmo com as nossas expressões? Enquanto a língua gestual é um código manuo-motor com recepção visual, que permite a conversação entre pessoas com deficiências auditivas.

A nossa personalidade é muitas vezes definida por aquilo que exteriorizamos e, para tal é necessário a interacção de todo o nosso corpo. Desmond Morris, na minha opinião, trata muito bem a noção das expressões involuntárias patentes no rosto, contudo a nível corporal não parece ter a noção da postura e da interacção dos membros do corpo em sintonia com o rosto. No entanto, é preciso antever que, o autor, desenvolve as suas ideias em tópicos, dando primazia ao rosto, desde o cabelo, aos olhos, lábios e por aí diante, e depois percorre todo o corpo do ser humano, passando pelo pescoço, braços até aos pés e inclusive aos órgãos genitais.

A comunicação não verbal, envolve muitas etapas e por isso é necessário esmiúça-las de forma cautelosa e eximia de forma a não se cair no erro de tratar a temática como algo simples e singular. Existe o todo que é distribuído pelas partes e por isso numa primeira abordagem iremos observar que todo o comportamento do ser humano numa situação de interacção tem valor de mensagem, determinando que é impossível não comunicar, continuando pelo caminho da linguagem gestual que observa os próprios gestos que singulariza o indivíduo e dá conta da capacidade evolutiva e de sobrevivência do próprio e, finalizando na própria língua gestual que transporta um código e principalmente a consciência de que estamos perante uma língua que não depende da verbalidade, mas que transporta em si o conceito de interacção.

VII.I: Análise do quotidiano não verbal

Neste sentido, analisaremos um pequeno vídeo que inclui imagens filmadas na cidade da Covilhã. Os transeuntes que aparecem nas filmagens submeteram-se a um estudo da comunicação não verbal que exercitamos todos os dias no nosso quotidiano.

Objectivo: Filmar os gestos e movimentos de indivíduos, de forma a mostrar a comunicação não verbal inerente ao Homem, revelando, de certa maneira, a personalidade e atitude do próprio ser humano.

Metodologia: O facto de ter recorrido às filmagens é uma forma de poder captar o momento e, demonstrar através da imagem a Comunicação Humana, sendo possível, *a posteriori*, a qualquer um poder avaliar por si próprio.

Isabel Oliveira, em 2009, entregou a sua tese assente nos contributos de um programa baseado na Dançoterapia/Movimento Expressivo no desenvolvimento da Comunicação Não – Verbal em crianças e jovens com PEA (autismo) e, para tal, recorreu às filmagens de forma a guardar e, futuramente arquivar as filmagens, bem como para poder estudá-las da melhor forma. Realmente, a melhor forma de estudar a própria não verbalidade na comunicação humana é através destas filmagens, isto porque é possível verificar cada movimento, bem como mostrar aos restantes para que eles próprios retirem as suas próprias conclusões.

A câmara utilizada para a filmagem foi uma SONY, modelo DSR-250P. A verificação das imagens foi frame a frame através do programa Adobe Première Pro. Posteriormente, foi passado para DVD de forma a poder ser inserido em anexo.



Análise:

Homem vestido de cores escuras, afastado das pessoas em geral a dar comida aos pombos. O que parece perfeitamente natural transforma-se, quando detemos um olhar atento. “O unir das sobrancelhas produz, assim, um duplo conjunto de rugas na pele. Esta é a expressão associada à ansiedade e à mágoa intensa. (...)”, tal como Desmond Morris refere, este homem, está bem e calmo, sem qualquer preocupação, no entanto o facto de ser de idade, vestimenta escura e a tentativa de dar comida aos pombos, revela que a sua solidão, neste instante, é com o único propósito de fazer bem a ele próprio e estar sem comunicar com ninguém, “fechado” nos seus pensamentos. O próprio rosto de cara fechada, lábios aquando não assobia, sempre prensados, mas com um ligeiro rasgo nos cantos da boca e com olhar fixo e atento nos pombos. O olhar, embora esteja sempre fixo, está sempre com o olhar direccionado para o chão, o que segundo Morris, revela um sinal de modéstia. O facto de esticar o braço e a palma da mão virada para cima revela confiança.

A dimensão/ distância:

Homem está sempre ligeiramente curvado para a frente, facto derivado à idade ou pensamentos pesados, no entanto ao dar de comida denota-se a distância do senhor em questão. Debruça-se em direcção aos pombos desfazendo com os dedos o pão, uma distância, que a meu ver pode ser considerada, pessoal revelando uma intencionalidade de aproximação e busca de aceitação, não querendo incomodar. Posição submissa e de respeito. Utiliza mais expressões faciais do que corporais: cinética.



Análise:

O andar apressado com passos pesados, cara fechada e franzida lábios unidos, movimentos bruscos, e o impulsionar do braço para a frente com alguma brutalidade, parece dar a entender que se encontra num estado de nervosismo um pouco agressivo, ainda que o seu olhar, também, transmita a possibilidade de estar zangado. A forma como os seus punhos estão fechados transmite a ideia de agressividade. O baixar das sobrancelhas, mantendo-as unidas e formando pelo menos quatro linhas na testa indica “em contextos agressivos (...) uma ampla variedade de intensidades, desde a mera desaprovação ou determinação categórica até à irritação e fúria violenta.” O olhar fixo e centrado sempre em linha recta, denota “A linha de demarcação do olho é garantida pela pele da fronte e não pela pálpebra (...) A mensagem que se quer transmitir é de raiva surpreendida.” (MORRIS; 2004:67) As mãos fechadas em punho denota uma raiva que parece dizer “obedeçam-me”.

Dimensão/distância:

Cabeça altiva e corpo hirto mostram uma distância para com as pessoas que o rodeiam. Transmitindo uma distância pública, como já havia sido referido, é uma distância que permite ao indivíduo não estabelecer contacto com o exterior. Utiliza igualmente as expressões corporais e faciais. A cinética está fortemente vincada e a proxémica, em termos de gestão de espaço.



Análise:

A mulher mais alta pondo a mão sobre o ombro da mais baixa, estabelece um momento onde indica que tem de falar. Normalmente, a mão sobre o ombro denota o necessitar de um momento para dizer algo, transpondo uma tática comunicativa. Muito expressiva com as mãos, transparecendo naturalidade e optimismo no seu diálogo. Todavia as palmas das mãos raramente estão viradas para cima, indicando autoridade sobre o receptor. O olhar sempre fixa no receptor e, “o baixar das sobancelhas acontece em dois tipos de situação bastante diferentes, os quais podem ser *grosso modo*, rotulados como agressivo e protector.” (MORRIS; 2004:39) Pela forma como a mulher alta assume um papel autoritário para com o receptor, indica também uma protecção, na medida em que a mulher baixa revela uma submissão, como se estivesse a queixar-se. Isto porque, os braços estão sempre juntos e agarrados ao saco que detém na mão, indicando uma barreira protectora. Os olhos estão sempre para baixo, como se estivesse com vergonha ou com algum mal-estar.

Dimensão/distância:

A mulher baixa utiliza maioritariamente as expressões corporais e a cinética, contrapondo-se à mulher alta que utiliza ambas as expressões faciais e corporais e a cinética, bem como a proxémica, delimitando um espaço centrado para com a mulher baixa, quase como que obrigando a mulher a ouvi-la. A despedida é fortemente marcada por um beijo, que parece ultrapassar a distância social, que até agora se havia presenciado.



Análise:

O ritmo do discurso do jovem em questão, vai de encontro aos gestos e expressões que faz. O gesto de ter a mão no queixo denota a tomada de decisão, jovem calmo e sensato que pensa no que quer dizer. A forma como as suas mãos encontram-se sempre em movimento ou a efectuar uma acção, como por exemplo beliscar as próprias calças, denuncia o nervosismo da pessoa em questão.

O uso das palmas das mãos para cima, significa submissão; entrega ao outro, ou seja, a pessoa revela segurança e exprime tudo com sinceridade, demonstrando, também uma certa vulnerabilidade. Contudo, existe uma contradição, na medida em que o facto de coçar a cara é sinónimo de insegurança no que se diz, como se não estivesse certo das suas afirmações. O simples facto de coçar o nariz denuncia algo como insegurança ou mentira. Apoiar a cara sobre a mão manifesta a vontade de mudar de conversa ou de aborrecimento.

Dimensão/distância:

Forte utilização da cinética e expressão facial. Jovem que utiliza um espaço social que permita ao mesmo estar no seu tempo e espaço de forma a poder observar tudo ao seu redor.

Proxémica, no sentido que o jovem mantém uma “bolha protectora”, transpondo uma distância considerável para com os outros de forma a avaliar. No entanto, denota-se que a utilização de variadas formas de expressão faciais pode ser mecanismos de distração, no sentido que a expressão facial é a mais dissimuladora.



Análise:

As mãos entrelaçadas da mulher de óculos de sol em cima da cabeça, somente esse indício significa que forma duas barreiras, quer pela utilização dos óculos escondendo o seu olhar de forma a não denunciar qualquer tipo de emoção, bem como o facto de ter as mãos entrelaçadas, dando o sentido duma forte barreira, embora pareça revelar o bem-estar, no fundo é uma barreira criada, de forma a dissimular a sua insegurança. A mulher de cor-de-rosa tapa a cara de forma a poder esconder-se revelando uma insegurança e frustração, ou até mesmo o apoiar da cara que revela aborrecimento.

Dimensão/distância:

Fraca cinética e alguma expressão corporal. A distância revela-se de forma pessoal, denotando-se uma ligação mais íntima, como uma amizade, devido à forma de estar à vontade uma com a outra.



Análise:

Um casal que se mostra cúmplice um com o outro, somente pela junção dos corpos. Diálogo assertivo de ambos, embora a mulher raramente olhe directamente para o homem. O facto de o homem mostrar ambas as palmas das mãos significa comodidade para com a mulher e expõe um diálogo de confiança e verdadeiro.

Note-se que a mulher está constantemente a coçar a cabeça, o pescoço e não olha fixamente para o homem, normalmente significa desconfiança ou desacordo.

Dimensão/ distância:

Cinética e expressão corporal. Distância íntima, porém algo dúbia. Na medida em que estão juntos, mas parecem entrar mais no espaço pessoal do que no íntimo, isto porque embora ele se mostre aberto para a mulher, ela está junto ao homem, porém mantendo uma distância relativa, facto que pode indicativo, na medida em que pode ser do espaço em que se encontram ou que existe uma tensão na relação.



Análise:

Ao contrário do casal em cima referido, este casal está em contacto directo, formam uma barreira para com o exterior, como se somente o mundo deles existisse. Olhos fixos e abertos um no outro e, “o contacto visual directo e prolongado apenas ocorre em momentos de amor ou ódio intensos” (MORRIS; 2004:65), neste sentido antevemos uma necessidade de amor e sexo extremas. Existe um desejo entre o casal que apaga qualquer tipo de indicação amorosa, mas sim um sentido de predadores sexuais. Desta forma, o único olhar que existe de diferente é o “*olhar de esguelha*”, indicando um estado sedutivo entre o casal.

Dimensão/ distância:

A distância íntima torna-se a única opção plausível para este casal na medida em que apresentam um contacto directo corpo a corpo, sem qualquer preocupação com o espaço ou tempo. A única motivação é a sede sexual que ambos têm, visto que tudo à volta não existe.



Análise:

“*Semicerrar os olhos*”, o que indica uma resposta protectora contra a luminosidade, ou indício de arrogância comunicando uma expressão de antipatia. As sobrancelhas erguidas e afastadas mostram um indivíduo preocupado. “O indivíduo preocupado com a testa franzida é, basicamente, alguém que gostaria de fugir mas, por qualquer motivo, não pode fazê-lo. A pessoa que se ri com a mesma expressão da fronte enrugada está também um pouco alarmada.” (MORRIS; 2004:40) A expressão de riso/felicidade parece ser o exemplo perfeito do **Músculo Zigomático**, que indica o puxar da boca para cima e para trás nas expressões felizes do sorriso e do riso.

Dimensão/ distância:

Forte expressão facial, inclui uma distância social, visto que mantêm uma distância relativa, verificando-se os braços cruzados como uma barreira para quem quiser ultrapassar.

OBS. Ver vídeo em anexo.

VII.II: Análise do quotidiano não verbal

Os casos em análise em cima foram, a meu ver, os mais pertinentes, no entanto no seguimento das imagens existem pequenas passagens que indicam posturas e expressões importantes na avaliação da comunicação humana.

Observemos o homem que caminha de olhar fixo e em linha recta sempre em frente com a cabeça levantada, braços ao longo do corpo, mas ligeiramente afastados do corpo, pernas esticadas e coluna perfeitamente alongada com o queixo em perfeito alinhamento com o nariz e boca. Neste momento, é passível de se observar que este homem indica segurança e um gesto de “superioridade”. Não mostra receio, mas sim confiança e comunica a sua altivez perante os que o rodeiam. Se conseguir imaginar uma força de autoridade, como por exemplo um juiz ou um professor no púlpito é “o pequeno reino” dessa força autoritária, aqui o homem não precisa do púlpito ele próprio através da sua expressão corporal dá essa indicação.

No entanto, o homem que está sentado no café dialogando com uma senhora idosa, mantém os braços apoiados na mesa e as mãos constantemente a entrelaçar-se, para além do constante movimento com as mãos, expondo um carácter inseguro e de frustração. O facto do olhar estar sempre para baixo fixado na mesa, abonando-se no comportamento dos subordinados que não se atrevem a olhar para os superiores (MORRIS;2004), forte indício de vergonha e submissão.

A indicação dos braços reforçadamente cruzados e mãos fechadas em punho demonstra uma barreira de protecção, que aliada ao olhar aberto e alienado indica nervosismo e frustração. Os lábios são fortes indicadores de atitude. A própria comunicação humana devido à pressão ou ao rasgo no canto de cada lábio e acima de tudo porque, “(...) os lábios humanos invertidos, únicos (...)”. (MORRIS;2004:94)

“No macho humano adulto, ficam realmente um pouco mais finos e, em condições primitivas, acabam por desaparecer de vista por baixo dos pêlos faciais masculinos. Contudo, a fêmea humana típica continua a exhibir um par de lábios macios e carnudos pelo resto da sua vida adulta ou, pelo menos, até atingir uma idade muito avançada, altura em que também ela se junta ao grupo dos lábios finos.”
(MORRIS;2004:94)

O homem e a mulher determinam a sua comunicação não verbal de forma diferente e invulgar, na medida em que por exemplo nem todos os homens cruzam as pernas com

aquela masculinidade “autoritária” e “viril”, tal como nem todas as mulheres percorrem o caminho numa andar “gracioso, ou nem mesmo se sentam, posicionando as pernas bem juntas e entrelaçadas. O comportamento é, assim por excelência, “mutável” e adequado a cada ser humano, logo não existe um modelo único para os homens, tal como não existe para as mulheres, contudo através da comunicação não verbal é possível a verificação de alguns aspectos da personalidade do ser humano através de um olhar atento.

O que se pretende explicar é o facto de que a diferença entre o homem e a mulher pode tornar-se explícita. Observemos o facto do rapaz que está em frente ao computador, este encontra-se de pernas afastadas braços cruzados e uma multiplicidade de expressões faciais como se não acreditasse no que vê, até pelo “lampejo das sobrancelhas”, no entanto se avaliássemos cada uma das suas expressões corporais poderíamos verificar diferentes resultados, no entanto conjugando tudo obtemos um jovem descontraído, sem qualquer preocupação indicando somente aborrecimento devido ao olhar absorto que indica o desejo de querer estar noutra sítio que não aquele.

Charles Darwin, condensa esta expressão corporal numa frase:

“ Quando a sobrancelha está descida de um lado e subida do outro, dá a impressão de que a parte descida e que se apresenta inchada parece colocada nessa posição pelos espíritos que acorrem do cérebro, como que para abrigar a alma e defendê-la do mal que esta teme (...).”

(DARWIN; 2006:17)

A mulher que está atenta ao telemóvel e, que esconde o seu olhar através dos óculos de sol indica uma barreira firme de exclusão, isto porque esconde o olhar, o rosto está enrugado e fixo no telemóvel e a mão na boca, bem como as pernas entrelaçadas reflecte um indicador comunicativo muito forte que é o desejo de não querer comunicar com ninguém, a não ser o alvo da preocupação denunciada pela mão que está constantemente a tocar na boca, visto que a pressiona fortemente.

No decorrer das imagens presenciamos as mais variadas formas de andar no sexo masculino, Flora Davis exemplifica no seu livro *Comunicação não-verbal*, a forma como o andar pode definir o carácter de um indivíduo:

“O homem que habitualmente bate os calcanhares com força enquanto caminha, dá-nos a impressão de ser decidido. Se ele tiver um passo ligeiro, pode parecer impaciente ou agressivo, mas se com a mesma determinação ele anda mais devagar, de um modo compassado, podemos estar diante de alguém paciente e perseverante. Uma pessoa que ande com um jeito menos confiante – que

atravessando um gramado e tentar não estragar a grama – dá-nos a impressão de insegurança.” (DAVIS; 1998:158)

Esta citação elucida na perfeição como o andar de um homem pode ser parte do seu carácter e atitude perante a vida e a sociedade.

No caso da mulher, existe uma elegância e determinação diferente, por exemplo o simples facto de haver mais ênfase no balançar do corpo e a leveza ao pôr o pé no chão, para além de que,

“se for uma mulher, é claro. Isto significa o “como” se movimenta o corpo e não o “que” o movimenta; não o acto de andar, mas como uma pessoa anda; (...) as formas que o corpo ocupa no espaço.”
(DAVIS; 1998:158-159)

Nas filmagens aparece uma senhora que está sentada a balançar os pés e, sob o olhar atento do espectador, poderá olhar para a esquerda da senhora e reparará que a senhora está a olhar para um menino com um skate, se observarmos com atenção contemplaremos a prática de, pelo menos, um dos movimentos caracterizados por Paul Ekman, os emblemas, isto no sentido em que a senhora está atenta aos rapazes e diz algumas palavras, e o olhar semicerrado em conjunto com as sobrancelhas unidas, mas subidas denota-se um olhar depreciativo por parte da senhora, porém já havia sido dito, que quando gostamos de alguém temos a tendência de repetir esse mesmo gesto, da mesma forma quando não gostamos de algo que a outra pessoa esteja a fazer, também imitamos o mesmo passo. É curioso observar este tipo de emoções no ser humano, isto porque, o simples facto da senhora “desaprovar” os rapazes faz com que indique o próprio movimento com os pés. O livro de Darwin, complementa a ideia, referindo que “(...) todos os movimentos que executamos voluntariamente ao longo da vida requereram a acção de certos músculos (...)”, sendo que, toda a informação transmitida num acto comunicativo implica a necessidade da interacção dos músculos.

“as nossas intenções estão de tal forma interligadas com os nossos músculos, que quando desejamos intensamente que um objecto se mova numa dada direcção, quase não podemos evitar inclinar o nosso corpo nessa mesma direcção, embora tenhamos perfeita consciência de que isso em nada irá influenciar a sua trajectória.”
(DARWIN; 2006:63)

A dança permite ao ser humano construir uma imagem de movimento e clareza, desta forma o Homem não se sente tão incapacitado e não tenta parecer algo que não é, restringindo os movimentos expressivos que executa ao longo do dia.

Ora vejamos, se olharmos para a questão cultural, veremos que no mundo tribal, a dança é um mecanismo de união entre o físico (terra) e o espiritual (deuses), enquanto no Ocidente, encontramos uma forma de utilização da dança peculiar, onde existe a origem que é o ballet e vemos que os ocidentais utilizam a expressão corporal, na medida em que esta protagoniza a realidade, a sociedade em si, a cultura em si. Em contrapartida, vemos o Oriente, que trata a dança como um ritual, uma forma de sedução, de lazer, isto é, a dança é a expressão das emoções, mas num cariz mais obsoleto, visto que para os orientais, esta marca a passagem do laboral para o lazer.

No decorrer dos tempos, a dança evoluiu e hoje em dia, esta marca o passo das emoções e expressões de todas as culturas e todas as sociedades. Por esta mesma razão, psicólogos, terapeutas e grandes teóricos utilizam a dança como uma forma de estudo e até mesmo de terapia.

No pequeno vídeo, testemunhamos um casal de meia-idade que dança em frente a todos sem qualquer pudor, embora exista uma euforia entre o grupo, denota-se os movimentos corporais construindo uma consciência corporal de auto-confiança e enorme capacidade comunicativa. Para além da insegurança que o homem induz sobre a mulher, na medida em que agarra o braço com força como se tivesse medo de a perder, nota-se no decorrer da dança o ar altivo e o movimento giratório expressando a felicidade daquele momento inerente à libertação de ambos, como se celebrassem a vida.

Associando a curta imagem do cão que aparece no vídeo para com o casal que dança é perceptível a “olho nu” que existe uma interligação entre ambos na celebração da felicidade e auto-confiança, no entanto é visível que no caso do Homem este executa os movimentos e tem a perfeita noção que esta a fazê-lo, enquanto o cão não, “ embora os cães expressem deste modo a outros cães e ao homem que se encontram numa disposição amigável, não é crível que alguma vez lhes tenha ocorrido deliberadamente executar gestos como o de baixar as orelhas e incliná-las para trás em vez de as manterem erguidas) ou o de abaixar a cauda e agitá-la na horizontal (em vez de a manterem rígida e ao alto), etc., por saberem que esses movimentos se opõem directamente àqueles que eles executam sob um estado de espírito oposto, de agressividade” (DARWIN; 2006:63).

Atente-se que a diferença entre o homem e o animal no campo da comunicação não verbal é que enquanto o Homem consegue dissimular ou analisar a não verbalidade, no caso dos animais “inferiores” não existe essa possibilidade, facto resultante da evolução histórico-social e cultural.

Em forma de conclusão do vídeo, algo que marca toda a comunicação humana entre o homem e a mulher é seguramente o facto de que a mulher limita-se e esconder variadíssimas vezes o rosto, ao invés que o homem mantém um ar de confiança extrema, decifrável, somente pelo olhar. A mulher tem várias formas de esconder a sua vergonha ou insegurança, esta recorre quer a saia, puxando-a para baixo, quer ao facto de cobrir os olhos ou desviar o olhar ou até mesmo algo muito característico e, visível ao longo das filmagens, é a forma de todas as mulheres em acto de nervosismo roerem as unhas, como se quisessem comer as próprias mãos.

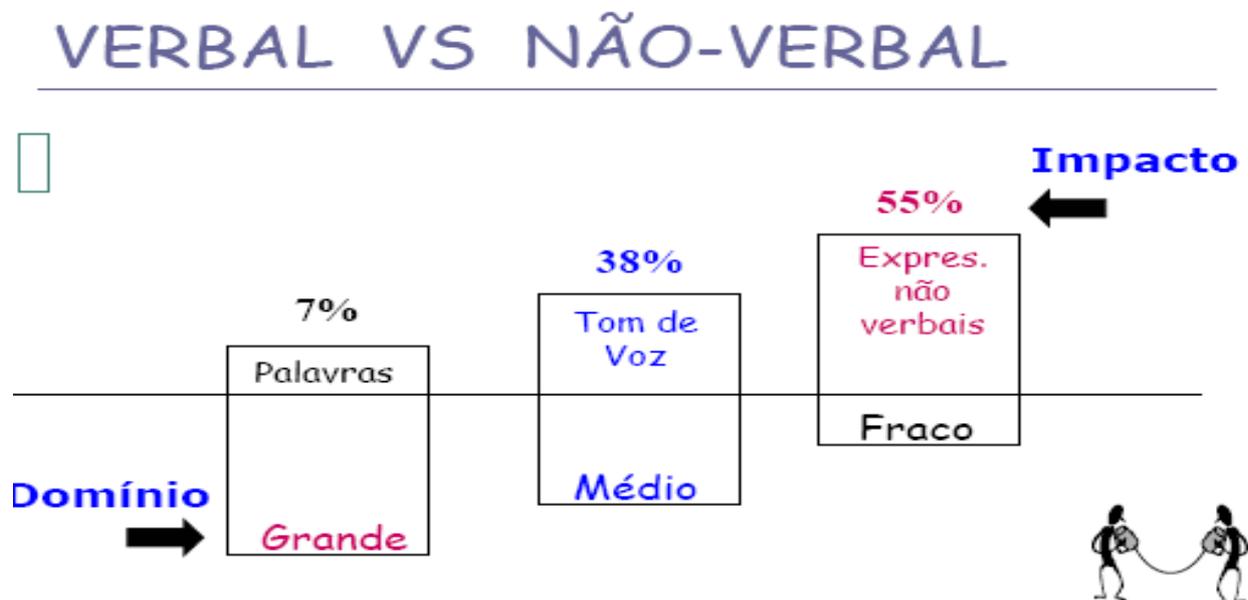
Desta forma, exponho a ideia de como a mulher tenta dissimular o nervosismo através duma panóplia de gestos corporais e, principalmente através das mãos que tentam esconder o rosto. A própria gesticulação aparece no preciso momento em que o indivíduo tem dificuldade em expressar-se ou quando está a esforçar-se por explicar algo e o receptor não entende. Isto é, quanto maior for a necessidade de expressar-se, mais o próprio corpo irá expor a gesticulação no seu máximo.

Neste aspecto, os homens preferem manter uma posição de costas direita, mãos sobre os joelhos e cara fechada, tentando camuflar qualquer indício de forma expressiva.

Em suma, o comportamento do ser humano necessita de interacção e os próprios gestos singularizam o indivíduo na sua plenitude. A comunicação não verbal transporta uma mensagem que não necessita, propriamente, da verbalidade, mas sim da interacção quer seja com o receptor ou no desejo de não querer comunicar.

Atente-se, que no nosso dia-a-dia utilizamos 35% da comunicação verbal e 65% da comunicação não verbal, isto é em 100%, somente 35% é que pertencem à linguagem falada.

Figura 2: Percentagens a nível comunicacional em plena interacção.



É passível de se observar que através de um “olhar atento” numa conversação existem inúmeras informações não verbais que nos ajudam a diferenciar a atitude e personalidade do receptor, todavia há que ter em atenção que, tal como Flora Davis refere:

“ As pesquisas sobre a comunicação humana muitas vezes têm negligenciado o indivíduo em si. No entanto pode-se tentar uma análise aproximada do carácter, com base na maneira de uma pessoa se movimentar: firme, casual ou decididamente. O jeito de se movimentar é uma característica bastante estável da personalidade.”
(DAVIS; 1998:158)

A temática em estudo é, realmente, uma forma estável de podermos “avaliar” o carácter de uma pessoa, no entanto, como já havia referido não é cem por cento fiável, como nada o é. Por exemplo, uma mulher que ande de salto alto e tenha os pés firmemente no chão, mas no entanto consegue andar de salto alto e movimentar-se com alguma graciosidade, que significado pode concluir do carácter desta mulher em questão? A mulher decididamente tem atitude, visto que a posiciona o pé com força no chão, correcto, todavia, será que todos os dias o faz da mesma forma? Ou será que andou toda a semana de saltos altos, está cansada e simplesmente hoje lhe doem os pés? As perguntas são sempre várias, já as respostas, somente cada um as pode responder.

Capítulo VIII: Conclusão

O desenvolvimento deste trabalho não consiste em determinar o que é a comunicação, nem muito menos tipificar a essência da mesma. A questão introduzida no início do trabalho implicava a noção da existência da quantidade de informação que é transmitida pelo nosso corpo, rosto, gestos e através do acto verbal, bem como o silêncio inerente à não verbalidade comunicacional.

A pergunta impõe-se, por fim, no sentido se a resposta foi determinada. A análise da não verbalidade foi conseguida, assim como o estudo de várias formas comunicacionais sem ser o acto verbal em si, todavia a resposta mantém-se inconclusiva. Porém, digo-o com orgulho, na medida em que a comunicação não é um problema, mas sim a transmissão de uma informação. Assim sendo, verificamos que sob um olhar atento é visível para os interlocutores a quantidade de informação que pode ser transmitida se detivermos atenção aos sinais envolventes no decorrer do processo comunicacional.

Serão os meios justificativos para o fim pretendido? Se o objectivo for comunicar alcançando novos níveis ou até mesmo comunicar genuinamente, desta forma conclui-se que sim os meios justificam os fins. Contudo, a análise na naturalidade da expressão não verbal no quotidiano esboça em leves traços aquilo que, normalmente, nos dias de hoje, o nosso cérebro tenta omitir. A naturalidade das expressões corporais e faciais determinam a sinceridade e espontaneidade da informação, sendo desta maneira visível para o receptor a veracidade da informação comunicada. Atente-se, que a universalidade também discutida ao longo do trabalho indica a preponderância de cada cultura e experiência de vida alcançando, não um livro sobre descodificação de gestos e condutas, mas sim a genuidade de cada gesto inerente a cada ser humano.

O Homem como ser multissensorial firma a sua presença no processo comunicacional percebendo que toda a comunicação inculca várias informações e todas elas nas mais diversas formas de compreensão.

Em suma, o trabalho prende-se ao simples facto de que a realidade real que a sociedade coabita insere-se num estado comunicativo permanente que leva à evolução, ainda por vezes incompreendida por muitos, de uma sociedade multifacetada, multissensorial e, acima de tudo, “messageira” dum processo comunicacional percebido pela sua significação em todos os aspectos comunicativos.

Termino, fazendo das palavras de John Cage as minhas: tudo é som, visto que até o próprio silêncio é som e, acrescento, que todo o som é mensagem e toda a mensagem tem valor comunicativo.

Bibliografia:

AMADO, G.; GUITTET, A.; *Comunicação o comportamento não verbal* (Livro: a dinâmica da comunicação nos grupos (org. Magda Vulcano);

ARGYLE, M., 1978. *Bodily communication*. London, Methuen;

Bakhtin, M., 2005. In BRAIR (org), *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto;

Birdwhistell, R., 1970. *Kinesics and context: essays on body motion communication*, University of Pennsylvania;

Cunha, Tito Cardoso e: *O Silêncio na Comunicação*.

URL= <www.bocc.ubi.pt>;

DARWIN, C.2006. *A expressão das emoções nos homens e nos animais*; Relógio D'Água; Lisboa;

DAVIS, F., 1979. *A comunicação não-verbal*, São Paulo: Summus;

Dietzsch, Mary, (org) 2005. *Espaços da linguagem na educação*, São Paulo: Associação Editorial Humanitas;

FERIN, I., 2002. *Comunicação e Culturas do Quotidiano*; Quimera; Lisboa;

FISKE, J., 1993. *Introdução ao estudo da comunicação*, Lisboa: Edições ASA;

.

GREIMAS, A.J.; KRISTEVA, J.; BREMOND, CL.1979. *Práticas e linguagens gestuais*, Editorial Vega, Lisboa;

Hall, E., 1990, *The Silent Language*, Anchor Books;

Hall, E., 2005, *Dimensão Oculta*, Martins Editora;

Knapp, M.L. 1982. *La comunicacion non verbal: el cuerpo y el entorno*.

Barcelona. Paidós Ibérica;

Lopes, F. 2001. *O silêncio como linguagem* (Documento de trabalho). Biblioteca virtual em saúde.

URL=<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=351055&indexSearch=ID>>;

LUHMANN, N., 1992. In: Seleccção e Apresentação Pissarra. *A improbabilidade da comunicação*. Vega Limitada;

MARCOS, Maria Lucília; *Pragmática da comunicação*, texto disponível:

URL= <www.bocc.ubi.pt>;

MATEUS, Maria H. M. et al. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, revista e aumentada), Lisboa (Editorial Caminho – Coleccção Universitária / Série LINGUÍSTICA):

URL=< <http://www.editorial-caminho.pt>>;

Mehrabian, A., 2007, *Nonverbal communication*, U.S.A., Transaction Publishers;

Mesquita, Rosa. 1997. *Comunicação não-verbal: Relevância na atuação profissional*.

In Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo;

MORRIS, D.2007. *A mulher nua*; Relógio D'Água; Lisboa;

Moura, Denilda, 2008. *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*.

Maceió: EDUFAL;

OLIVEIRA, I. M., 2009. *Contributos de um programa baseado na dançoterapia/Movimento Expressivo no desenvolvimento da Comunicação Não –*

Verbal em crianças e jovens com PEA; Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Motricidade Humana; FMH; Lisboa;

Passadori, R., 2009. *As sete dimensões da comunicação*, São Paulo: Editora Gente;

Pestana, G., 2006. *A comunicação Verbal* (Documento de trabalho). In: *A Pagina da Educação* (nº 156):

URL= < <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=156&doc=11595&mid=2>>;

SILVA, Lúcia Marta Giunta da et al . *Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal*. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, Aug. 2000.:

URL=<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692000000400008&lng=en&nrm=iso>;

SILVA, P., 2000. *O processo de comunicação interpessoal* (Documento de trabalho):

URL= <http://csgois.web.interacesso.pt/MGFV001MASTER/textos/11/3_texto.html>;

SOUZA, Tânia C. Clemente de; *A análise não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação*. Dissertação de mestrado: FMH, 2008;

WATZLAWICK, P. et al.; *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo: Cultrix.

In:

URL= <<http://servbib.ubi.pt>>.

Índice

Resumo.....	1
Abstract	2
Introdução	3
Capítulo II: Linguagem não verbal.....	5
Capítulo III: O silêncio comunicacional	11
III.I A linguagem não verbal no acto verbal	16
Capítulo IV: A improbabilidade de não comunicar	20
IV.I: A paralinguística.....	30
Capítulo V: Dimensão da Comunicação Não Verbal.....	32
Capítulo VI: Naturalidade vs Universalidade	44
VI.I: “Protocolo social”	46
Capítulo VII: A não verbalidade quotidiana	50
VII.I: Análise do quotidiano não verbal.....	51
VII.II: Análise do quotidiano não verbal.....	68
Capítulo VIII: Conclusão	74
Bibliografia:	76